

HOLCIM S.A : brincando de DEUS !



Barroso, MG, 19 de Agosto de 2009

Valéria Nacif
Setembro 2009

Para :

*O povo Barrosense,
Para que permaneça
VIVO*

*A Família Schmidheiny,
para que seja
SÁBIA*

*O Ministério Público Brasileiro,
Para que NÃO recue*

Índice

Introdução

Capítulo 1 : Uma tecnologia que deve morrer

- 1.1 O que é incineração ?*
- 1.2 O que é co-processamento ?*
- 1.3 Co-processamento = incineração*
- 1.4 Danos à saúde*
- 1.5 O licenciamento ambiental para cimenteiras*

Capítulo 2 : Estudo de Caso : O movimento popular em Barroso- Minas Gerais- Brasil, contra a incineração na cimenteira Holcim S.A

- 2.1 O papel da ODESC- Organização de Desenvolvimento Sustentável e Comunitário*
- 2.2 O desenvolvimento do movimento popular*
- 2.3 O anestesiamiento do movimento popular*
- 2.4 O enterro do anestesiado vivo*
- 2.5 O papel dos órgãos públicos*
- 2.6 A ditadura empresarial*

Capítulo 3 : Manipulação Ideológica

- 3.1 Cimenteiras eliminam 99,99% de contaminantes no forno ?*
- 3.2 Não há riscos para a saúde pública e meio ambiente ?*
- 3.3 Economia de recursos não - renováveis ?*
- 3.4 Mínima emissão de CO2 ?*
- 3.5 Economia de energia ?*
- 3.6 Mínima emissão de dioxinas/metais pesados,etc ?*
- 3.7 Processo produtivo seguro ?*
- 3.8 Repasse de ISSQN (Impostos ?*
- 3.9 Cultura de transparência ?*
- 3.10 Práticas de desenvolvimento sustentável ?*

Conclusão : O futuro da incineração no Brasil

Introdução

A primeira coisa que logo fica claro desde do início deste relatório : ***Holcim S.A : brincando de DEUS***, é a forma um tanto estranha e atípica de como ele é apresentado. Ele não é um relatório comum e nem pretende ser. Ele também talvez seja um dos poucos apresentados de uma forma simples e clara para que todos possam entender. Esta é a pretensão deste documento : apresentar os fatos de forma tal que todos saibam o que aconteceu e acontece em Barroso-Minas Gerais desde o ano 2003.

Este trabalho é um relato sobre o desenvolvimento, o anestesiamento e o sepultamento de um movimento sócio – ambiental vivo contra a incineração de resíduos perigosos nos fornos da cimenteira suíça Holcim S.A, na pequena cidade de Barroso, situada no Campo das Vertentes, no interior de Minas Gerais. Acima de tudo, o relato de um pequeno povo que luta para proteger sua integridade humana ambiental contra a agressividade de uma das maiores transnacionais do mundo, a Holcim S.A. Esta transnacional está entrelaçada a mais de cem anos com a família Schmidheiny suíça. A família Schmidheiny, juntamente com a família belga Emsens são responsáveis pela maior catástrofe sanitária mundial do século XX : a contaminação do amianto.

Tudo começou a cinco anos atrás de uma forma bem atípica. Mas, a propôr o que é atípico quando se trata de descobrir a verdade? Não dizem que não há um jeito certo para as coisas! Certo é que a empresa Holcim S.A. tomou conta de praticamente todas as vidas em Barroso: do cotidiano, das políticas, do público e do privado.

Uma grande atenção foi dada neste trabalho ao cotidiano, as ações, aos sentimentos, aos acontecimentos do privado e do público, aos detalhes sem deixar de enxergar tudo de forma holística.

Finalmente, este documento é de relevância histórico-social para os movimentos sócio - ambientais brasileiros contra a incineração, pois é o primeiro movimento contra a incineração que sobrevive a contínua pressão da empresa. Mais importante ainda ele é uma prova viva de como uma transnacional atua : ***a ridicularização do local em prol do global.***

Acho importante que todos possam entender este relato, principalmente, o povo no Campo das Vertentes e entenderem que o que se passa é algo preocupante e que cada um deve se conscientizar de seu papel.

Muitas comunidades da América Latina e do mundo estão passando no momento pelos mesmos problemas. A experiência de Barroso é no momento o único movimento no Brasil contra a incineração de resíduos perigosos em cimenteiras.

Aqui será apresentado um trabalho de mais de seis anos de investigação a respeito da incineração em fornos de cimento no Brasil. Muita coisa foi conseguida através de contatos pela internet no mundo inteiro, de trabalhadores e ex-trabalhadores da empresa e de suas terceiras, na antiga FEAM, de ONGs nacionais e internacionais. Todo o cuidado foi tomado para manter as pessoas em anonimato. Então todos os nomes de

pessoas são pseudônimos, mas todas as instituições responsáveis tem aqui o seu nome citado. É muito essencial citar aqui, que é no interior de Minas, na pequena cidade de Barroso, que se deu início ao primeiro movimento sério contra a incineração em fornos de cimento no Brasil. Ele abrangeu toda a região do Campo das Vertentes.

No primeiro capítulo apresentarei algumas definições importantes sobre incineração, comparando-a com o co-processamento, um termo usado no meio industrial para a incineração. Em seguida apresentarei vários dados que foram coletados a respeito da incineração de resíduos perigosos no forno de cimento em Barroso. O que, o porque e o como. Estes dados não tem a pretensão de serem completos, mas pretende dar uma idéia de como a incineração de resíduos perigosos vem acontecendo no Brasil. Foi impossível até hoje obter dados da empresa, onde normalmente está o maior acervo de documentos sobre o assunto.

Fato é que a incineração é a maior fonte de dioxinas e furanos, um super veneno, 100% produzido pelo homem, sendo que as cimenteiras são a fonte número 1 deste super veneno. Além do mais elas são responsáveis pela emissão de diversos metais pesados e de gases de efeito estufa.

No segundo capítulo, e mais importante, falarei do nascimento do movimento, em um estudo de caso. Seus primórdios se localiza na fundação da organização não – governamental ODESC – Organização de Desenvolvimento Sustentável e Comunitário. O cenário onde se desenrola o movimento é muito importante porque é a explicação de como ele se torna possível. É interessante ressaltar o estado de medo que ainda persegue a sociedade brasileira. O estado de medo ainda é no Brasil a maior barreira pra o desenvolvimento da consciência responsável, o que inibe todo o resto. O lado pessoal/familiar, típico da vida provinciana também tem prioridade acima da defesa do público, do direito democrático.

Aqui explicarei também o desenvolvimento do movimento, o inevitável **anestesiamento** do mesmo e o enterro do anestesiado vivo. O que no início parecia só como uma denúncia vai se tornando um movimento lento social e ambiental. O movimento acaba sendo algo inesperado e inevitável. De repente você toma conta de que ele esta presente, vivo, e, como se não tivesse mais fim, se desenvolve por si só. Mas devido a cultura em que ele tenta sobreviver o inevitável **anestesiamento** acontece e finalmente ele é enterrado anestesiado, mas **VIVO**.

As dificuldades, as limitações, as contradições e as lamentações do movimento ganha um nome: ODESC. Na verdade é o processo democrático em prática e a formação de uma identidade cultural pela busca de sua legitimidade. O dilema entre o público e o privado fecham o círculo vicioso. A desestruturação de vidas, a ditadura empresarial (o ditador : Holcim S.A.), o órgão público (governo local e estadual) a favor do privado, o órgão público (Ministérios Públicos Estadual e Federal) recuado com o poder do privado gerando graves consequências para um ambiente que tenta ser humano e sustentável e sendo ao mesmo tempo o principal catalisador para que uma comunidade se torne vulnerável.

Este é o pano de fundo para o terceiro capítulo, onde será analisado o total de dez mentiras vendidas pela transnacional Holcim S.A para poder praticar a incineração de resíduos perigosos no Brasil e no mundo, num perfeito ato de marketing empresarial.

Estas mentiras formam ferramentas importantes e vitais de manipulação ideológica. Apesar de a Holcim ser a primeira no Brasil e ao mesmo tempo a líder mundial em incinerar vários tipos de resíduos em fornos de cimento, hoje em dia as outras grandes transnacionais cimenteiras também o fazem ao redor do mundo. Todas elas propagam e usam as mesmas ferramentas, o que não traz de modo algum nenhuma alternativa para um mundo livre de tóxicos e de gases de estufa mas sim perpetuam suas práticas sujas de produzir cimento ao redor do mundo. Mas o Grupo Holcim, através da família Schmidheiny foi o pioneiro e o patrocinador destas práticas no mundo.

A Irresponsabilidade social e ambiental desta empresa, juntamente com a família Schmidheiny não deve ser relegada a simplesmente um caso de uma multinacional qualquer. Mas sim deve ser colocada no contexto de uma família/empresa que de novo deve ser responsabilizada por mais uma catástrofe sanitária mundial e ambiental, a contaminação de dioxinas, furanos e metais pesados.

A quarta parte é conclusiva e vê a atuação do Ministério Público Federal juntamente com maior participação popular como a luz no fundo do túnel. A participação pública pode se dar de diversas formas. O MPF tem que sair de sua posição de recuo. A forma cautelosa de atuação do MPF é totalmente contraditória com a forma agressiva dos órgãos ambientais ao apoiar incondicionalmente os empreendimentos industriais.

A transnacional Holcim S.A. por sua vez usa e abusa historicamente da própria falta de responsabilidade social e ambiental e ao mesmo tempo vende mais do que as outras grandes empresas atualmente uma forma falsa de responsabilidade industrial baseada no desenvolvimento sustentável deturpando sempre a realidade. Para fechar este círculo vicioso ela usa e abusa também de todos os mecanismos de pressão e repressão para manter o status quo. Este círculo vicioso gera a vulnerabilidade das comunidades e aumenta ao mesmo tempo a invulnerabilidade dos grandes empreendimentos industriais acentuando a injustiça em todas as suas formas.

Este status quo que ela mantém é hoje mais perversivo do que no passado. O planeta Terra não aguenta mais tantas adversidades ambientais. Não aguenta mais cem anos de enganação.

A Transnacional Holcim S.A e seus familiares NÃO aprenderam NADA !!!

O todo em toda a sua complexidade na união das práticas cotidianas é o que deverá fazer a diferença! A atuação do governo, o procedimento do licenciamento, o monopólio de informações, a dependência político-econômica local, métodos de repressões, vulnerabilidade da população, etc, devem ser vistos como totalidades integradas que vem prejudicar um sistema maior: o sistema eco-social.

Capítulo 1: Uma tecnologia que deve morrer

Pena que os seres humanos ainda entendem tão pouco de nuvens, porque se entendessem mais tomariam mais cuidado ao produzi-las.

1.1 O que é incineração ?

No mundo ambientalista a incineração significa a queima de rejeitos ou lixo, sejam eles perigosos ou não. Em muitos lugares do mundo, inclusive no Brasil, se promove a incineração como a solução para lidar com as montanhas de lixo que vão aumentando cada vez mais. Ela é vista como um método mais moderno de tratar lixo ou resíduos. Os grupos interessados em comprar e vender esta idéia passaram sempre a impressão de que incinerar era a solução e para isso não mediram esforços em protegê-la e propagá-la. Aqui, neste trabalho vamos falar sobre a incineração de lixo ou rejeito químico perigoso.

Rejeito químico perigoso (RQ) é tudo o que se sobra das grandes empresas que tem haver com a produção de produtos químicos ou que usam produtos químicos no seu processo de produção ou nas suas práticas empresariais em geral. No subcapítulo 1.5 apresentamos uma lista dos rejeitos químicos mais queimados no forno de cimento em Barroso, Minas. Mais precisamente no forno de cimento da multinacional suíça Holcim S.A.

No Brasil uma grande parte do lixo ou rejeito químico perigoso é incinerado em fornos de cimento e a cada ano que passa aumenta a incineração em fornos de cimento em todo o Brasil sendo que Minas é o estado número um em queimar mais lixo em fornos de cimento. Para Minas vem lixo do Brasil inteiro.

Na pequena cidade de Minas Barroso, no Campo das Vertentes se incinera por mês, mais de 46 mil toneladas de rejeitos químicos no forno de cimento da multinacional suíça Holcim. Segundo pesquisas da ODESC o aumento da incineração começou em 2002, mas em 1995 foi provavelmente o início da incineração de RQs em Barroso.

1.2 O que é co-processamento ?

Devido a diversas crises de ordem ambiental e energética as indústrias cimenteiras optaram estruturalmente no Brasil, nos últimos 10 anos, pela incineração de rejeitos perigosos; usando-os como combustível e aproveitando-os, ao mesmo tempo, como matéria-prima na produção de cimento ou simplesmente incinerando-os. Fato que veio beneficiar tanto as grandes geradoras de rejeitos que se vêem livres de seus passivos ambientais, como a própria indústria cimenteira. Todas elas investiram pesado na propagação desta idéia e, defenderam-na como uma idéia sustentável. Pelo jeito é mais barato incinerar rejeitos tanto para as geradoras como para as incineradoras. A Holcim foi pioneira no Brasil e no mundo em incinerar diversos tipos de rejeitos em fornos de cimento.

Para eliminar rejeitos a indústria cimenteira é paga; um fato que reverteu a história: ao invés da indústria cimenteira gastar com combustíveis e matéria-prima, ela lucra. Um

negócio que, num mundo capitalista como o nosso, tem que ser defendido com unhas e dentes. Para isso elas adotaram um nome próprio co-processamento. Co-processamento significa no jargão industrial, “a destinação correta para resíduos industriais através do processo de queima, os quais são usados como matérias primas e combustíveis alternativos”. As indústrias e o órgão público licenciador vêem o co-processamento como um benefício ambiental e econômico. O benefício ambiental tem haver principalmente com a redução da quantidade de lixo a ser gerenciado e o benefício econômico tem haver com os lucros que a indústria cimenteira ganha ao incinerar resíduos e ao mesmo tempo emitir menos dióxido de carbono (CO₂).

Esta mudança no mundo cimenteiro trouxe implicações graves para o meio em que vivemos.

1.3 Co-processamento = incineração

Então, co-processamento e incineração são as mesmas coisas. A única diferença é que os ambientalistas e cientistas, preocupados com suas implicações negativas preferem o termo incineração. As implicações negativas tem haver com o meio ambiente humano em que vivemos e, que queremos e devemos manter saudável para todos os seres vivos no planeta terra para todas as gerações presentes e futuras. A incineração destrói nossa saúde e o nosso meio ambiente.

Segundo a ong GAIA (Global Alliance for Incinerator Alternatives), um incinerador é todo instrumento ou meio usado para queimar lixo ou rejeitos, onde nem sempre há o uso de altas temperaturas. Os incineradores operam constantemente de forma descontrolada em contradição com o que seus construtores ou mantenedores nos querem fazer crer. Os defensores dos incineradores argumentam que a “incineração” é uma forma especial de queimar lixo, que se distingue por suceder em altas temperaturas e um estrito controle das condições de combustão. Um incinerador não vai deixar de ser menos perigoso, por aproveitar parte do que queima.

Não é possível num passe de mágica destruir tudo num fogo e achar que o problema está resolvido. A lei do químico mais conhecido do mundo, Lavoisier, ainda vale até hoje: *na natureza nada se perde ou se cria, tudo se transforma* e, esta é uma substancial essência que com certeza nunca vai mudar.

E, são nos incineradores, fornos de cimento por exemplo, que essa transformação acontece, tornando os elementos mais perigosos e mais susceptível ao homem e aos outros seres vivos. Os rejeitos que entram no incinerador não desaparecem, mas se transformam em gases, líquidos e cinzas tóxicas. Eles produzem um caldeirão de inúmeras substâncias químicas, como por exemplo, mercúrio, cromo, chumbo, cádmio, arsênico, berílio, hidrocarbonetos, benzenos, gases ácidos como óxido de enxofre, dióxido de nitrogênio e claro o dióxido de carbono entre outros.

E o mais grave, eles também produzem substâncias novas, desconhecidas e mais tóxicas como as dioxinas e furanos, bifelinos policlorados, hexaclorobenzeno, etc. Todas elas fazem parte de um grupo de substâncias chamado Poluentes orgânicos Persistentes (POPs) que compartilham as seguintes características: são tóxicos persistentes (demoram muito para se degradar), se movem entre longas distâncias, podemos encontrá-las em lugares longínquos onde não há fonte de emissões.

As dioxinas e furanos formam um grupo, de no mínimo 210 contaminantes, com composições químicas semelhantes, com os mesmos efeitos tóxicos na saúde. A mais

venenosa e conhecida de todas se chama 2,3,7,8 TCDD, a partir desta dioxina é medida a toxicidade de todas as outras.

Além do mais as dioxinas se acumulam nas gorduras e óleos, particularmente nas carnes e leite sendo que, 90 a 95% da exposição humana à dioxina vem da alimentação. A meia idade delas no corpo humano para se decompor é no mínimo sete anos.

1.4 Danos à saúde

Todas estas substâncias tóxicas novas que se formam no processo de queima saem diretamente pelas chaminés dos fornos. Isto porque elas são incrivelmente minúsculas, são ultrafinas. A estas substâncias damos o nome de nanopartículas. Uma nanopartícula tem uma nanograma (1ng), ou seja, uma grama dividido por um bilhão de vezes. E, pelo fato de elas serem tão finas, elas atravessam os filtros dos fornos ou incineradores e entram no nosso sangue. A sociedade britânica de medicina ecológica informa que os filtros de um incinerador só podem filtrar de 5-30% das partículas finas, mas nunca as ultrafinas. Muitas destas substâncias tóxicas, acima citadas, ainda não foram pesquisadas como as dioxinas. Sobre as dioxinas existem muitos trabalhos científicos por ela ser vista como o veneno mais perigoso criado pelo homem.

A dioxina por ser altamente tóxica, em pequeníssimas quantidades, são medidas em picogramas (pg), por exemplo uma pg, é uma grama dividido por um trilhão de vezes para se determinar o grau de exposição. Por exemplo, a organização mundial de saúde (OMS) recomenda no máximo, de uma a quatro pg de dioxina por kilo, por dia, para cada ser humano. Já a agência americana de proteção ambiental, USEPA, propõe 0,0065 pg por dia/por kg.

Ligando uma molécula de dioxina a um receptor celular é o suficiente para se obter um efeito tóxico. Então uma mínima quantidade é o suficiente, uma miligrama de dioxina por exemplo mata 10 coelhos ou 3000 caviars, segundo dados do instituto de pesquisas holandês (TNO). Assim elas interferem diretamente no nosso sistema de imunidade como também modificam os hormônios envolvidos no crescimento e na diferenciação das células. Mais pesquisas nesta área são necessárias, já que o sistema de imunidade tem um papel importante na vigilância e refreamento do câncer.

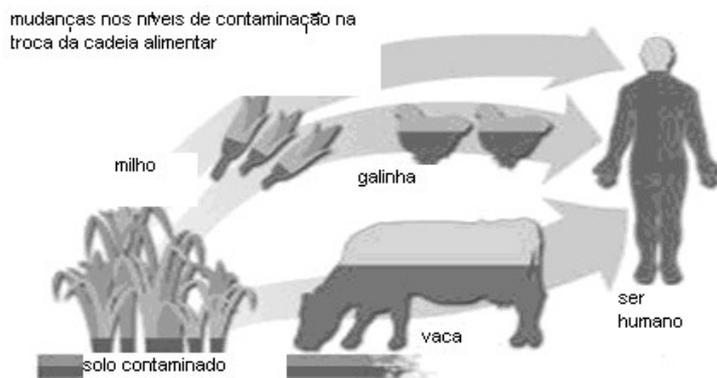
Já outros estudos em humanos mostraram uma diminuição do hormônio masculino testosterona em trabalhadores de incineradores e malformação congênita em descendentes dos veteranos na guerra do Vietnã, os quais foram expostos ao Agente Laranja, um herbicida que continha dioxina.

As dioxinas foram classificadas como carcinogênicas pela agência internacional de pesquisas de câncer (IARC), o que quer dizer que as dioxinas não causam diretamente ao câncer, mas é um provocador potente do seu desenvolvimento. A partir do momento que se sucede o início do processo, a dioxina promove outros mecanismos necessários para o aparecimento de tumores malignos. Isto explica o porque da exposição à dioxina causar diferentes tipos de tumores malignos. Além do mais é necessário, segundo o toxicólogo Bram Brouwers levar em consideração a dose tóxica acumulada no corpo humano. A exposição lenta e contínua de pequenas quantidades de dioxinas vai determinar a dose tóxica acumulada no corpo humano. Segundo ele, provavelmente são os órgãos do corpo humano responsáveis para reverter ou compensar os efeitos da dioxina. Com outras palavras, a longo prazo isto pode trazer graves consequências para a saúde humana.

Todos os estudos sobre toxicidade de dioxinas indicaram que são, os fetos e as crianças, os mais susceptíveis a vários tipos de efeitos adversos à saúde. Os fetos e as crianças vão crescer e se desenvolver com uma dose de dioxinas maior que seus antepassados. Seus efeitos se tornarão claros mais adiante nos próximos ciclos de vida.

Já que os organismos não podem decompôr as dioxinas, elas se movimentam na cadeia alimentar passando de presa a depredador. A cada transferência na cadeia alimentar aumenta a concentração das dioxinas/contaminações no nosso corpo, a este processo damos o nome de biomagnificação. Os seres humanos que estão no topo da cadeia alimentar recebem a dose mais alta de dioxinas acima de todas as espécies.

Exemplo de biomagnificação:



Waste Incineration: A Dying Technology, pg 14

Sem dúvida, a exposição crônica representa um grande risco para as crianças, por sua alta proporção de ingestão de alimentos em relação ao seu peso corporal e porque sua dieta consiste em leite materno, o qual tem muita gordura e, portanto, dioxinas, segundo a ong GAIA. Nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, uma criança já cresce com um acúmulo total de 50 a 60 pg de dioxinas.

Segundo a USEPA, em seu primeiro controle de emissões de dioxinas atmosféricas, feito em 1994, os incineradores de rejeitos hospitalares e urbanos foram as primeiras e as segundas fontes, respectivamente; constituindo coletivamente 84 por cento do total. No Japão, se estima que os incineradores causam 93 por cento das emissões de dioxinas atmosféricas; na Suíça 85 por cento; na Grã Bretanha 79 por cento; e na Dinamarca 70 por cento. Os autores do

Registro Europeu de Dioxinas dizem: “Apesar do considerável esforço dedicado durante os últimos anos para diminuir as emissões dos incineradores de resíduos urbanos, este tipo de fonte todavia domina a entrada de dioxinas na atmosfera”.

A União Européia (UE) possui informação que indica que a maioria das dioxinas dos incineradores é liberada na terra, ao invés de ser emitida no ar. Somente 1,7 por cento das dioxinas emitidas por um incinerador saem pela chaminé, enquanto que a maioria são liberadas nas cinzas e na escória, Segundo um estudo citado pela ong GAIA.

Segundo o Relatório de Sustentabilidade da Holcim de 2004, Barroso “é a fábrica número 1 do grupo Holcim mundial em substituição de clínquer pela escória. A escória é um rejeito das siderúrgicas de alto-forno da produção do aço. Segundo a Convenção Internacional de Basel ela é considerada um “resíduo tóxico”. No entorno da fábrica de Barroso se vê sempre uma ou duas montanhas às vezes enormes, às vezes menores, cinza escuras, de escória.



Os trabalhadores são os que mais sofrem em contato com estes tipos de rejeitos, pois estão em contato direto e diário com eles. Para uma descrição completa desta realidade há um trabalho recente feito pela FIOCRUZ, denominado: *Condições de trabalho e saúde de trabalhadores na queima de resíduos tóxicos em Cantagalo, Rio de Janeiro.*

Segundo L. Navels a escória também é uma enorme fonte de sílica. À exposição a escória estão relacionados problemas respiratórios do trato superior, irritação aguda da pele e dos olhos. A exposição a longo prazo está associada às doenças

do amianto, ou seja mesotelioma, câncer de pulmão, segundo o ATSDR (Agency for Toxic Substances and Disease Registry). Segundo nossas investigações, a escória de Barroso contém de 56% a 90% de sílica. “Quanto mais sílica mais insupportável o cheiro”, segundo um informante.

Neste trabalho me dediquei somente em citar só alguns trabalhos, mas na verdade o que existe é um grau de desconhecimento enorme sobre substâncias novas geradas pelos incineradores, mesmo outras dioxinas ainda são desconhecidas. Por outro lado, os estudos epidemiológicos começam a aparecer, como é o caso de estudos feitos no Reino Unido e na França, onde indicam o aumento de câncer entorno de incineradores.

Conversando com o inventor químico holandês L. Navels em janeiro de 2006 ficou bem claro o desconhecimento e o desleixo das autoridades a respeito das consequências da incineração, tanto quanto como é um assunto altamente complexo. Segundo ele muitos abusos são aceitos, mesmo na Europa, o cimento holandês contém muito cromo, mas mesmo assim é aceito pelas autoridades. Sobre a dioxina bromada se sabe muito pouco e, ela é mais perigosa do que as outras dioxinas conhecidas. Esta dioxina foi encontrada nos lixos eletrônico e farmacêutico.

1.5 O licenciamento ambiental para cimenteiras

“A Feam tem por finalidade executar, no âmbito do Estado de Minas Gerais, a política de proteção, conservação e melhoria da qualidade ambiental no que concerne à prevenção, à correção da poluição ou da degradação ambiental provocada pelas atividades industriais, minerárias e de infra-estrutura, bem como promover e realizar estudos e pesquisas sobre a poluição e qualidade do ar, da água e do solo. É responsável pela Agenda Marrom”, citado no portal de internet do FEAM.

A experiência da ODESC e os dados por ela obtidos mostram que o órgão responsável FEAM (Fundação Estadual do Ambiente) de Minas Gerais age para facilitar licenciamentos relâmpagos. Os procedimentos de licenciamento ambiental para a queima de rejeitos em Barroso são confusos e desorganizados. A ODESC não conseguiu ter em mãos, apesar de tentar várias vezes, para análise, o relatório de impacto ambiental (RIMA) para a incineração em Barroso. Nem tampouco conseguiu dados sobre a construção relâmpago de uma empresa da Holcim, RESOTEC, para tratamento de rejeitos dentro da fábrica de cimento em Barroso, em 2006. A FEAM tem sim em seu poder várias pastas com licenciamento de operação (LO) de vários tipos de resíduos.

No ano de 2004 a ODESC conseguiu cruzar dados da FEAM com notas fiscais da Prefeitura Municipal de Barroso e verificou que em 2002 a Holcim conseguiu licenciamento para incinerar no mínimo 25 tipos de resíduos em Barroso, provenientes dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia. No ano de 2003 a Holcim Barroso incinerou aproximadamente 1.762,000 toneladas de resíduos. No processo 0006/1981/016/2002 do FEAM, consta declarações assinadas pela atual prefeita de Barroso concordando com todos os tipos de atividades em Barroso. Todavia não está especificado que tipo de atividades.

De acordo com os processos abaixo descritos, a Holcim consegue de uma forma rápida o licenciamento para 145 tipos de rejeitos entre 2004 e 2005. Assim Barroso passa também a queimar lixo do Estado do Pará.

PROCESSO ATÍPICO:

00006/1981/038/2004: **Licenciamentos de vários resíduos de várias geradoras da General Motors de São Paulo:** Indaiatuba, Sorocaba, Gravataí, Mogi das Cruzes, São José dos Campos e São Caetano do Sul.

Total de resíduos licenciados: 69

Alguns resíduos: Lodo de ete, Borrás, cera de calefetação, elementos químicos de filtração, Borra de elpo, Poliuretano, Materiais contaminados diversos, Panos, Velas, Solventes, Filtros, Graxas, Embalagens, EPT's, todos contaminados.

00006/1981/047/2005: **Licenciamento do resíduo SPL da Albrás. Pará.**

Inclui uma tabela de compatibilidade com outros resíduos co-processados em Barroso.

Resotec: AF10, AR10.

Alcan: Água contaminada com óleo, Alumina Balls, Bigbags, Borrachas e Correias, Cae, Desengraxantes usados, Madeiras contaminadas com flúor e soda, Mangas de filtro, Óleo usado com cádmio fluído H, Óleo usado do tanque, Oxalato de cálcio, SPL, Tecidos de Lona. Total: 13

Alcoa: Alumina A50, Alumina fluoretada, Carbonáceos, Mangas de filtro, Panos de filtro, Resíduos de óleo, SPL. Total: 7

Belgo Bekaert: Sabão seco, Torta de ete. Total: 2

Cosipa: Borra oleosa.

Daimler Chrysler: Borra de cola, Borra de filtro, Borra de tinta, Borra proced. de lavagem Skids, Res. de tanques de contenção. Total: 5

FCC: Catalisadores.

Isopol: Tar

Magatteaux: (autopeças) Areias diversas: Shell US3, Finos disa US1, Bake, Verde US1. Total: 4

Petrobrás-Replan: Borra oleosa do BAO e da Landmaring. Total: 2

Petrolub: Borra ácida, Torta de filtração

Pneu:

Proluminas: Borra ácida nova e velha, Torta ácida. Total: 3

Saint Gobain: Areia de fundição

Tasa: Borra ácida

Albras: SPL (140.000 toneladas de resíduos passivos)

00006/1981/048/2005: **Licenciamento do resíduo catódico: SPL; Geradora: Valesul- Alumínio do Brasil, Santa Cruz – Rio de Janeiro – RJ.**

Total de resíduos: 145

Interessante a Carta anexa escrita à mão:

PA/COPAM/Nº006/1981/048/2005

PA/COPAM/Nº300/1999/044/2005

HOLCIM Brasil S.A

À Procuradoria:

Solicito analisar os processos em anexo e emitir parecer, de forma que os mesmos possam ser incluídos na pauta a CID/COPAM em 10/05/05 em atendimento ao empreendedor, que manifestou à DIRIM, a possibilidade de quebra de contratos comerciais caso as licenças não sejam concedidas até meados de maio.

Grata,

Assinatura de: Zuleika Stela Chiachio Torquetti

Diretoria de Atividades Industriais e Minerais (DIRIM)

Um dia depois do solicitado, foi atendido o pedido feito à procuradoria de acordo com a assinatura anexa de Adriane Oliveira Moreira Penna.

A ODESC nas suas investigações não conseguiu descobrir com certeza desde quando a Holcim queima rejeitos em Barroso. Diversas LOs apresentam um número de processo

administrativo, em todos eles o início da atividade é a partir de 1981, provavelmente as atividades de incineração se iniciaram neste ano. Na Prefeitura Municipal de Barroso não há documentos a respeito, com exceção de notas fiscais a partir do ano de 2002, no departamento financeiro da Prefeitura. A Câmara de Vereadores também não tem conhecimento do assunto.

No processo 00006/1981/030/2003 há uma revalidação de licença de operação datada de 28/07/2002, revalidada em 18/06/2003 para a queima de rejeitos da ALCAN, LO número 584. O estranho é que em 12/11/2003 o FEAM concede licença ambiental para a queima de rejeitos da ALCAN.

Recentemente a ODESC obteve informações de que a Holcim Barroso também está queimando lixo do famoso Aterro Industrial Mantovani de São Paulo. O licenciamento foi concedido de forma relâmpago em 2007. Infelizmente não temos maiores detalhes ainda. Só temos detalhes das supostas consequências. O Aterro Industrial Mantovani é reconhecidamente um caldeirão de bruxas, o pior caso de contaminação do Brasil, segundo o Ministério Público Federal. Aproximadamente 70 empresas, na maioria, multinacionais, enterraram lá, seu lixo tóxico durante os anos de 1974 a 1987, até que o CETESB, órgão ambiental paulista, cassou a sua licença. Segundo o Deputado petista Luciano Zica, há suspeitas de lixo radioativo enterrados no Aterro Mantovani. O estranho é que no mês de junho de 2008 a ODESC foi avisada por um informante de dentro da fábrica que estava chegando terra contaminada com traços de radioatividade para serem incineradas. Infelizmente não conseguimos informações mais precisas sobre esta carga. No início do mês de agosto um informante de dentro da fábrica (outra fonte, totalmente independente da primeira), fotografa no pátio da fábrica pombas, com as patas atrofiadas e impossibilitadas de andar. Dias depois elas morreram.



Com certeza o licenciamento ambiental mineiro (e, brasileiro) para cimenteiras de forma alguma leva em consideração a finalidade pela qual foi criada a FEAM, como citado no início deste subtítulo. Os problemas relacionados à saúde, o descaso e, o pouco conhecimento entorno das consequências da incineração são fatos. O que acontece é a trama sistemática para legitimar a incineração em prol do capital.

Na revista Ciência & Saúde Coletiva, a FIOCRUZ cita o seguinte: “estudos indicaram que, embora as empresas não estivessem respeitando a legislação ambiental, nenhuma havia sido obrigada a interromper suas atividades. Duas companhias, localizadas no município de Pedro Leopoldo, realizavam o monitoramento ambiental de suas emissões de forma incorreta, uma vez que as amostras de ar eram descontinuadas e somente realizadas na estação de chuva (quando a quantidade de material particulado no ar tende

a ser menor). Apesar desse subterfúgio, as amostras coletadas apresentavam valores de material particulados acima dos limites estabelecidos pelas normas”. A ODESC que o diga, vários informantes trabalhadores nos informaram que a chegada dos funcionários da FEAM na fábrica de cimento Holcim Barroso significava festa. O controle de emissões atmosféricas feito pela FEAM, significa mudança e diminuição de rejeitos no forno de clínquer, quando não, parada total do forno. No final do dia era jantar oferecido pela Holcim em Tiradentes. No dia dez de novembro de 2006, a Holcim Barroso teve uma parada de forno e vitória da FEAM.

Mas, como nós temos nossos informantes, a Holcim também os tem, como é o caso de um informante de dentro da FEAM que passa para os laboratórios da Holcim todos os cálculos e níveis de emissões, que convém ao licenciamento ambiental para a Holcim preencher os requisitos.

ENTREVISTA COM DOIS FUNCIONÁRIOS DE CARREIRA DA FEAM Belo Horizonte, 21 e 22 de setembro de 2005

“Segundo dois funcionários da FEAM (preferem ficar na anonimidade), a estrutura do mesmo difere radicalmente daquela do início da fundação. No início havia mais funcionários concursados do que “consultores”. Os consultores são pessoas, normalmente recém-formados que são contratados. No princípio, a contratação era feita pela FUNDEP, fundação ligada à UFMG. Atualmente todas as contratações de “consultores” são feitas pela fundação RENATO AZEREDO (a propor o Eduardo Azeredo foi muito vaiado no V Encontro Verde das Américas). Na verdade o pessoal antigo era normalmente idôneo, um grupo unido que tomava decisões administrativas corretas. Quando aumentou o serviço, o estado optou pela forma de contratação e hoje existem mais contratados do que concursados. As contratações estão ligadas a interesses econômicos diversos. Isto começou a acontecer por volta de 1999. Desde então vários processos de licenciamento são mal-feitos. Há pessoas que fazem o processo de licenciamento sem saber o que estão fazendo, como é o caso de Aidene Godinho que assina licenças de resíduos para a Holcim S.A. Esta moça hoje trabalha para a Holcim (fato confirmado segundo minhas investigações) em Pedro Leopoldo. Hoje o número de “consultores” é maior que o número de concursados.

Além disso os antigos são desestimulados, pressionados a sair, a trocar de divisão e alguns já foram até ameaçados de morte por empresas que se sentiram prejudicadas no processo de licenciamento.

O caso do licenciamento para o co-processamento em Pedro Leopoldo foi bem manipulado, fases do licenciamento simplesmente ignoradas. O tema da incineração de resíduos perigosos é tabu e visto como algo extremamente perigoso de se contestar dentro da FEAM. É tipo: estar em estado ditatorial, todo mundo tem medo de comentar, de falar.

Pessoas de grandes empresas pressionam e a diretora cede, senão é removida”.

A primeira reunião oficial da Holcim com a ODESC também deixou claro as debilidades no processo de incineração no forno de cimento da Holcim. Ao que tudo indica muitos cálculos são falsos:

Relatório da 1ª Reunião com a fábrica de cimento Holcim/SA

Data: 15/10/2007

Horário: 13:45 hs.

Local: Fábrica de cimento Holcim/SA Barroso.

Integrantes: Holcim (Cláudio Butkus, Emerson Peixoto e Roberto novo gerente da Resotec).

ODESC: (Cely, Goretti, Valéria Nacif e Wembley).

Presidente do sindicato dos trabalhadores: (René José Silva).

Na recepção fomos muito bem recebidos pela recepcionista Neide, que nos direcionou para uma sala anexa à entrada e nos mostrou um vídeo sobre segurança – desempenho – entusiasmo como forma de integração à empresa Holcim S/A. O vídeo de 10 minutos dá uma visão da política integrada de gestão, a qual prega qualidade do produto, gestão do meio ambiente e saúde do trabalhador. Admitem impactos

ambientais no processo de produção do cimento, tais como, ruído, poeira, gases e calor. Atendendo às normas de segurança, a empresa liberou os EPIs necessários para todos os visitantes.

Visita a área:

I Galpão com triturador: principal galpão da Resotec. Resíduos presentes no local: terra petroquímica contaminada, *spl*, papel e plásticos contaminados triturados e a triturar, produtos industrializados com *borra de tinta*, tambores lacrados com resíduos oleosos nas cores: preta, vermelha, azul, verde e amarelo.

O local está dividido em quinze baias, onde sete baias estão com produto in natura e oito baias com produtos pós-triturados e preparados para serem encaminhados ao forno de clínquer. O triturador foi instalado a um ano com grande ganho para a Holcim no processo geral de queima. Não vimos um processo fechado para levar os resíduos recém-preparados para o forno. Os resíduos são levados para o forno através de caminhões, não ficando claro se neste galpão é utilizada alguma esteira. Nós não constatamos a presença de alguma esteira no local. Aqui também não constatamos mau-cheiro. Colocaram e mostraram a impermeabilização do piso para evitar a contaminação do solo. Cláudio Butkus deixou claro que na política de co-processamento da Holcim não pode ser queimado borra de esgoto. O depósito de resíduos líquidos encontrava-se vazio. Os resíduos pastosos são injetados diretamente no forno através de bombas ao chegarem na fábrica.

II Galpão da Resotec: Galpão aonde chega o resíduo bruto. Aqui o resíduo passa por mistura com serragem de madeira para quebrar as torras oleosas refinando-as. O processo é feito com trator de cabine fechada. No local havia funcionários com EPIs além de caminhões. Aqui havia muita poeira no ar, mau cheiro e altos ruídos. Aqui havia uma esteira ligada ao I galpão. A informação dada aqui foi superficial. Fora deste local havia um caminhão com sacos grandes com material branco, onde nos foi informado que se tratava de sais alcalinos para serem agregados diretamente ao forno. Houve uma pequena dúvida entre Roberto e Cláudio a respeito do conteúdo e finalidade do produto. Prevaleceu a opinião do Cláudio. Fomos acompanhados durante esta visita por Cláudio, Emerson e Roberto. Na frente do galpão II encontram-se os reservatórios de captação de água da chuva, os quais estavam secos devido à seca segundo Emerson. Vale ressaltar aqui que o forno estava parado para manutenção periódica, segundo o gerente.

Encontro na Sala de reuniões da Holcim S/A iniciada as 15:45h com a presença de todos os integrantes da visita técnica

Cláudio Butkus deu início a reunião dizendo que o Co-processamento é o reaproveitamento de resíduos industriais e a estratégia da empresa para práticas de desenvolvimento sustentável.

Disse e pediu a presença da ODESC nos comitês junto a comunidade feito pela empresa na forma de trazer idéias e traçar metas para Barroso se destacar no desenvolvimento sustentável.

Cláudio destacou a importância do Dr: Marcus (Medicina do Trabalho), no início do processo de co-processamento em Barroso, onde este enquanto esteve à frente de sua função, não registrou nenhum funcionário da Holcim com alteração em seus exames. Porém, esse teve que se desprender da empresa, devido ao fato de ter se tornado fiscal do INSS na cidade de Conselheiro Lafaiete, ficando em seu lugar o Dr: Vinícius Pedrosa. No início da apresentação de slides (150 no total) foi apresentada a parceria com o órgão público alemão GTZ, CEBDS, Instituto Holcim e Holcim Foundation. A parceria visa a promoção do desenvolvimento sustentável, mostrando a responsabilidade da empresa com o pagamento de seus tributos de ISS, repassando para o município o valor de R\$ 300.000,00 no ano de 2006. O co-processamento beneficia o meio ambiente poupando reservas naturais. Em seguida nos foi mostrado o mapa da mina da Capoeira Grande, a qual tem previsão do fim de sua reserva natural para cinquenta anos. Com visão a longo prazo colocou-se quatro alternativas de recuperação ambiental: centro de vivência ambiental, área de lazer, reservatório de água para humanos e piscicultura. Estas são propostas da empresa a ser decidido pelo comitê da comunidade. Os projetos Educando Verde (projeto do biólogo Marcos de Barroso) e Ortópolis também foram retratados. A Ortópolis tem como objetivo fazer parcerias entre prefeitura e associações, agregando cooperativismo e associativismo sem misturar a política. Cláudio nos questionou o porque de não participarmos da Ortópolis, ao qual respondemos que no início participamos da instalação da Ortópolis, mas depois nos retiramos por termos tido um conflito com o pequeno empresário.

A meta da Holcim é agregar valor ao negócio da empresa que é a produção de cimento.

O GTZ é líder mundial em conhecimento do co-processamento, detém e rege as diretrizes mundiais para o co-processamento. A Holcim e a GTZ atuam juntos com todos os gestores políticos envolvidos no processo. A parceria se iniciou em 2003. Após o início da parceria houve em 2006 um evento

importante em São Paulo, onde Celí esteve presente. O evento frisou a segurança do co-processamento como uma substituição sustentável de matéria prima no processo de produção do cimento.

Foi destacada a política de segurança para a qualidade do resíduo que vem para Barroso, embasada na análise prévia dos resíduos desde o gerador até ao operador do resíduo. Todos os resíduos vindos para Barroso são licenciados pelo FEAM. É obrigatório no final da queima a emissão do CDT (certificado de destruição térmica). O CDT é um sistema de controle fiscal entre a Resotec (Holcim) e gerador. As notas fiscais visam rastrear o início e o fim do resíduo, do gerador ao co-processador. Os CDTs são distribuídos em seis vias entre empresas geradoras e co-processadoras e órgãos ambientais. A ODESC indagou sobre o destino exato de todas as vias. Mais não houve resposta satisfatória. Foi frisado que todos os funcionários da Resotec são da Holcim. Cláudio assegurou que todos os “produtos” (resíduos) são seguros para a população e a Holcim garante que todo o processo de co-processamento é seguro para o meio ambiente e a população. As empresas Sos Cotrec e Soastrans são as empresas responsáveis para monitorar o percurso rodoviário do transporte do resíduo. O maior cliente gerador de resíduo atual da Holcim é a Petrobrás. Principal resíduo: terra petroquímica contaminada. Todos os resíduos são controlados pelo laboratório da Resotec. A ODESC indagou sobre o caso de se houver algum resíduo indesejável ou deteriorado qual é o procedimento adotado. Segundo Cláudio, Roberto e Emerson o produto é enviado para a Resotec de Pedro Leopoldo, a qual detém tecnologia avançada para resolver o problema. Para amenizar a sobrecarga em Pedro Leopoldo está sendo viabilizado um laboratório mais equipado em Barroso. Segundo Cláudio “resíduo transportado para Barroso e o cimento barrosense é com qualidade 100%”. A Holcim Barroso produz um milhão de toneladas de cimento por ano”. Cláudio e os outros garantem que o co-processamento tem uma substituição térmica de fonte não – renovável de 10 a 12%. A substituição de matéria prima agregada ao clínquer é de apenas 0 a 1%. Ressaltaram que acima destes valores coloca-se em risco a qualidade do cimento Barroso. A ODESC persistiu na colocação destes valores, os quais foram repetidos várias vezes. A ODESC estranhou o fato de que há mais de 150 licenciamentos diferentes feitos para Barroso, pedindo mais dados colocados pela agenda da reunião. Cláudio disse que infelizmente não lhe foi permitido passar mais dados, acatando a ordens do Grupo. A ODESC fez perguntas sobre a adição da escória como resíduo. Cláudio disse que a escória não é resíduo, mas é vista como matéria prima para a indústria cimenteira, um insumo que é agregado ao clínquer.

A Pramec faz a coleta das partículas de dioxinas e furanos e a Anasol (Analytical Solutions) faz as análises. O monitoramento, segundo Emerson, é contínuo 24 horas online para particulados, SO₂, NO₂, etc., na chaminé. Houve a apresentação de gráficos com diversos números. Exemplos:

NOX:

Variação de 2002: 703,88 mg/Nm³ e 2007: 250,25 mg/Nm³

Limite por lei: 560 mg/Nm³

VOC:

2002: 4,9 mg/Nm³ 2006: 114,64mg/Nm³ 2007: 9,34mg/Nm³

Limite: 100 mg/Nm³

Metais pesados, classe I:

2002 a 2007: variaram de 0,01mg/Nm³ a 0,05 mg/Nm³ - 11% O₂

Limite por lei: 0,28 mg/Nm³ - 11% O₂

MERCÚRIO:

2002 a 2007 variação de 0,0019mg/Nm³ a 0,0422mg/Nm³ - 11% O₂

Limite por lei: 0,05mg/Nm³ a 0,28 mg/Nm³ - 11% O₂

DIOXINAS E FURANOS:

Variaram de: 0,0031mg/Nm³ em 2002 a 0,2892mg/Nm³ em 2005. 0,0404mg/Nm³ em 2006 e 0,0440 mg/Nm³ em 2007

Limite por lei: 0,3572 mg/Nm³

Houve perguntas a respeito do aumento significativo de dioxinas e furanos para o ano 2005. A ODESC indagou sobre o que contribui para o aumento ou a diminuição das dioxinas e furanos. Emerson respondeu: “Não houve controle da qualidade do resíduo e uso de argila e controle da mesma”. A

ODESC perguntou se houve uma mudança no uso de resíduos para a diminuição subsequente das dioxinas e furanos. Emerson respondeu que sim.

Na demonstração dos focos de poluição atmosférica foi demonstrado por Emerson que os focos se desencadeiam para a área rural não vindo para a área urbana. A área da Cimec/ Mujolo é o local onde se localiza um foco mais acentuado de poluição e se expande para Tiradentes, São João Del Rei. A ODESC perguntou como fica a contaminação perante a ISSO 14001. Emerson enfatizou que era uma pergunta importante, mais a Holcim está abaixo dos limites exigidos por lei, não correndo risco de comprometer o mercado de cimento Barroso.

Finalmente terminamos a reunião, colocando ambas as partes, a necessidade de se praticar realmente o desenvolvimento sustentável. Chegamos juntos à conclusão que sem o diálogo e o trabalho em conjunto não será possível praticar o desenvolvimento sustentável. O desenvolvimento sustentável é essencial para a sobrevivência do planeta e para o bem estar dos seres vivos. Cláudio disse que, o que não devemos fazer é achar que voltaremos à “idade da pedra”. A ODESC fez questão de colocar que o que ela quer é realmente a prática do desenvolvimento sustentável. Esta reunião foi um bom começo! Às 18:30 horas terminamos a reunião.

Esta foi a única reunião que a ODESC teve com a Holcim até hoje. Então não houve começo nem fim. Mas infelizmente ficou claro que os dados que a Holcim S.A. Barroso apresenta são dados “para inglês vêr”. Vários cientistas desqualificaram os monitoramentos e limites das emissões atmosféricas exigidos em todo o mundo por não responderem à realidade dum processo de incineração.

A FEAM, por exemplo, emite licenciamentos baseando-se em cálculos de simulação de laboratório e, baseando-se de comum acôrdo com a Holcim em dados químicos falsos. Estes mesmos cálculos estão estabelecidos em leis.

Não o monitoramento descontínuo é a única forma de se aproximar à realidade das emissões atmosféricas, mas a análise do tempo real, no monitoramento contínuo, conhecendo realmente os níveis de TODAS emissões no momento em que elas saem pela chaminé, segundo a GAIA.

Está comprovado que os testes de dioxinas apresentados pela Holcim Barroso foram feitos sob condições otimizadas para assegurar o mínimo possível de produção de dioxinas durante os testes. As emissões de dioxinas não são constantes e dependem de piques. Por exemplo durante as paradas, ao resfriar e reaquecer o forno a produção de dioxinas é maior. Testes em Barroso, ou no mundo nunca são feitos sob tais circunstâncias. Está confirmado hoje que as dioxinas se formam entre temperaturas de 300 a 600 graus. Em Barroso há muita parada de forno. Segundo nossos informantes isto acontece devido á incapacidade do forno de comportar a incineração da quantidade e da qualidade dos rejeitos industriais. O que é levado em consideração são simplesmente análises para verificar a qualidade do clínquer.

Diversos rejeitos em Barroso incinerados não tem o objetivo de substituir matérias primas ou gerar energia. Isto pode ser visto no decorrer deste relatório.

Todos os dados ambientais oferecidos pela Holcim devem ser questionados. Segundo nossos informantes, nos dias de coleta de dioxinas pela Pramec é injetado menos tipos de rejeitos no forno e não há controle dos órgãos ambientais no momento. Num cruzamento de dados da ODESC, os dados sobre o mercúrio mostram um erro aberrante.

A emissão de mercúrio colocada pela Holcim é de 0,0422mg/Nm³. De acordo com a informação da organização Zeromercury, artigo: “Cementkilns Release 2 Times more Mercury...”, onde dizem que as cimenteiras emitem 2 vezes mais mercúrio tóxico do que se estimava nos Estados Unidos, estes dados obtidos na reunião são incorretos. Neste artigo é apresentada uma lista sobre as emissões das maiores transnacionais. Holcim Dundee (USA) de acordo com a lista, emite 120 pounds de

mercúrio tóxico por ano.
Vejam o cálculo para Barroso em pounds:

Os 0,0422mg/Nm³ para Barroso corresponde `a 0, 00000000930356 pounds/Nm³.

A readmissão do antigo médico de trabalho também causa estranheza, porque foi esta uma das primeiras pessoas a nos conscientizar sobre os diversos perigosos da queima de rejeitos perigosos. Na época ele tinha sido demitido por ter feito questionamentos a respeito da incineração em Barroso. Ele também nos deu um relatório da Associação Brasileira sobre prevenções de acidentes, o qual cita os feitos prejudiciais à saúde humana originados pelo pó das indústrias cimenteiras.

Segundo o Dr. Afrânio Junior de Cantagalo: “as realizações humanas estão sujeitas aos interesses que as motivam. Mesmo a Ciência Médica, em princípio concebida e desenvolvida para favorecer ao homem, em muitas oportunidades experimentou a distorção dos seus propósitos, quando perdeu de foco aquele a quem deveria servir. Essa condição se estabelece freqüentemente quando se confundem os interesses do objeto e do patrocinador”.

No dia 12 de outubro de 2006, dia de N. S. Aparecida, o Pe. Fábio fala no sermão sobre a poluição em Barroso: “o povo é visto pela Holcim como indigno, ignorante, pobre, sem neurônios ao escutar que a poluição não vem dela mesma”.

Capítulo 2: Estudo de Caso : O movimento popular em Barroso- Minas Gerais- Brasil, contra a incineração na cimenteira Holcim S.A

“Enquanto os leões não tiverem seus historiadores, as histórias de caça sempre vão glorificar os caçadores”. Ditado africano

Antes de iniciar esta parte, pensei várias vezes em que forma eu deveria narrar estes fatos na primeira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural. Acabou acontecendo os dois. Às vezes uso uma e às vezes a outra. Nos subcapítulos 2.1 e 2.2 acabei usando a primeira pessoa quase que de forma inconsciente. Isto porque no começo da ODESC eu, como líder, era a pessoa mais atuante, mas com o passar do tempo tudo foi crescendo e apesar de a Holcim e os seus, ter várias vezes querido colocar a “culpa” em mim, as coisas tomaram outros rumos. No momento eu, Valéria Nacif ainda sou a Coordenadora Geral da ODESC. A primeira pessoa do plural é usada para todos os membros da ODESC, inclusive eu, a CG.

2.1 O papel da ODESC - Organização de Desenvolvimento Sustentável e Comunitário

A fundação da ODESC foi penosa. Por três vezes adiamos a fundação por falta de quorum. Na quarta reunião conseguimos quorum suficiente e a ODESC foi oficialmente fundada em setembro de 2003. Os motivos que levaram os fundadores a criarem uma organização estão ligados às conclusões tiradas, um ano antes, no Fórum de Desenvolvimento Social promovido pela UFSJ em setembro de 2002. Neste ano diversas autoridades e associações da comunidade barrosense se reuniram na antiga Câmara Municipal para conversar sobre os problemas sociais que assolavam Barroso. Depois deste Fórum surgiram vários projetos. Um destes projetos foi a *Carta de Barroso*. Esta carta, assinada por diversos direntes da comunidade tinham como objetivo fazer a Holcim reconhecer sua responsabilidade social para com a comunidade barrosense devido à forte dependência que havia entre uma e outra.

Um ano depois do Fórum de Desenvolvimento Social foi fundada a ODESC. O seu principal objetivo, entre outros é apoiar e desenvolver ações para a defesa, elevação, preservação e manutenção da qualidade de vida do ser humano e do meio ambiente, tanto quanto lutar pelo desenvolvimento sustentável.

Naquela época, setembro de 2003, ninguém da ODESC se conscientizou da importância da escolha do nome da ONG ODESC - Organização de Desenvolvimento Sustentável e Comunitário - para a formação dos nossos princípios e ideais. Ninguém sabia o confronto que significava defender desenvolvimento sustentável para os seres humanos comuns. Ninguém sabia que os problemas relacionados à defesa de um meio ambiente humano desbotaria todos os outros que alicerçaram a criação da ODESC. Ninguém também sabia que o nome : desenvolvimento sustentável e os ideais ligados a ele desde a sua criação estavam sendo sempre abusados ao sabor dos grandes empreendimentos.

Voltemos ao passado, maio de 2003, tempo de seca brava em Minas Gerais. Ao visitar uma de minhas irmãs (tenho quatro) reparei da sacada de sua casa, que ficava no alto de um morro de nossa cidade, uma « nuvem » pairada sobre o bairro do Rosário,

precisamente no entorno da fábrica de cimento Holcim. Achei aquilo estranho, era uma « nuvem » rosada/alaranjada.

Normalmente, a poluição atmosférica de uma fábrica de cimento é da cor cinza. Os Barrosenses sofrem e usufruem a mais de cinquenta anos a exploração do calcário e a cidade é tradicionalmente conhecida pelo seu cimento de alta qualidade : cimento Portland. O cimento de Barroso é mais importante que a comunidade, tanto que na auto estrada de Barbacena não está sinalizada a entrada para Barroso mas para a HOLCIM Barroso.

No final da tarde voltei para casa e a « nuvem » continuava lá, parada. Continuando achando aquilo estranho comecei a telefonar para pessoas conhecidas do bairro.

Antonia, uma moradora antiga, me disse que a Holcim estava queimando lixo dentro do forno de clínquer e que há um ano atrás (2002) diversas mulheres do bairro teriam feito uma manifestação com panelas e colheres de pau na mão em frente da fábrica querendo uma solução. Segundo Antonia era melhor eu ir conversar com as lideranças do bairro.

Na mesma semana fui conversar com Amanda, uma grande liderança do bairro e ela relatou o seguinte : “que a Holcim S.A. estava queimando coisas estranhas no forno, que as pessoas de madrugada não suportavam o mau cheiro e um pó branco que vinha da fábrica. Algumas pessoas estavam sofrendo com náuseas, fortes dores de cabeça, diarreia crônica, problemas respiratórios e uma forte sensação de asfixia e por isso não conseguiam dormir durante a noite. E se fechavam as janelas não conseguiam dormir por causa do calor”. Daí a manifestação. Neste dia, a gerência da fábrica colocou as mulheres para dentro da fábrica e em reunião explicaram que às vezes o filtro *eletrostático* desativava e por isso acontecia o mau cheiro e o pó e que eles tomariam as devidas precauções. Hoje elas sabem que o filtro eletrostático não serve para deter particulados ultrafinos.

Eu mesma, morava do outro lado do rio das Mortes, no centro da cidade, e estava passando mal pela madrugada com um aperto forte na garganta e secura na boca e ao tomar água ou leite, melhorava.

Depois de ter conversado com mais alguns moradores de Barroso sobre o assunto comecei a fazer uma pesquisa na internet sobre a queima de lixo. Naquela época o meu marido, hoje meu ex-marido, me ajudou e, trocamos emails com alguns ambientalistas e juristas ambientais nos Estados Unidos e na Europa. Estava claro que a queima de lixo em fornos de cimento é altamente arriscada.

Daí para frente comecei com um trabalho incansável de pesquisa, em parte pesquisa de campo, sobre a questão da incineração em fornos de cimento. Neste trabalho estão diversas informações sobre os riscos da incineração e dados de doenças de Barroso de 2001 até o ano de 2003. Deste trabalho foi feito quatro cópias, duas estão guardadas com pessoas de confiança e as outras estão nos Ministérios Públicos Federal e Estadual. Depois a ODESC fez mais pesquisas e descobriu que as doenças neurológicas aumentaram em 200%, a prematuridade em 100%, no ano de 2004.

Nos gráficos sobre as doenças nota-se, desde o ano 2002 o crescente aumento de cânceres, a diminuição das doenças do trato respiratório inferior para 40% e o aumento das doenças do trato superior em 27%. Este aumento é 100% em crianças de diferentes idades. Em 2008, o aumento de câncer é de 300% em relação à 2002.

Voltando de novo ao passado, em maio de 2003 eu fui à uma reunião do conselho de ambiente municipal me informar sobre o assunto. Para a minha grande surpresa, o filho do gerente geral da Holcim S.A. era membro do conselho. Então fiz-lhe as seguintes perguntas : O que a Holcim S.A. queima no forno de cimento de Barroso ? Quanto e

desde quando ela queima resíduos em Barroso e quais são as emissões atmosféricas resultantes da queima? O filho do gerente geral da Holcim não sabia de nada e iria passar minhas perguntas para a gerência. Nunca recebi uma resposta a respeito ! Logo depois disso algumas pessoas da minha família, num total de cinco, que trabalhavam para a Holcim S.A, foram ameaçadas de perderem o emprego se eu desse continuidade à minha curiosidade. A partir daí escolhi o caminho do silêncio e a calada da noite. Trabalhei, pesquisando de forma voluntária, durante mais ou menos nove meses. Neste meio tempo construí uma rede de informantes de dentro e fora da fábrica. Muitas informações a respeito da incineração consegui através da internet. Através da internet fiz também contatos com ongs nacionais e internacionais.

Quanto eu mais me informava a respeito, mais eu me desesperava e me envolvia, mas sempre não querendo acreditar que uma transnacional deste porte, com o apoio de instituições governamentais brasileiras pudessem construir tamanha barbariedade. Assim era quase que inconsciente sair da pressuposição de que tudo era falta de conhecimento próprio e que a questão da incineração era complicada e grave o suficiente para sair assim tocando sinos por todos os lados sem ter antes se informado o melhor possível.

Ao mesmo tempo a consciência crescia de que, se tudo fosse verdade, seria uma briga de Davi e Golias e, que no alto da conjuntura quem sairia perdendo desta vez seria Davi. Mas Davi só ganha na bíblia. A realidade é mais complicada.

Já não suportando carregar mais tudo sozinha consegui fazer contato com a diretoria de campanhas de tóxicos da Greenpeace Brasil e eles me aconselharam que visto a gravidade do problema era melhor, entre outras coisas, contactar o Ministério Público. Hoje seis anos depois, está claro que não poderia e deveria ser diferente. É justamente o pequeno, o frágil, o vulnerável, o despido de poder, que pode enxergar os pequenos detalhes, esclarecer os grandes detalhes, colocá-los nus, despidos de qualquer propósito. E assim se aproximar da realidade. Na verdade muitas coisas mudam, mas muitas essências não mudam jamais. A substancial escolha de seguir a consciência é uma delas.

2.2 O desenvolvimento do movimento popular

Até então a queima de lixo na fábrica era um problema dos moradores do bairro do Rosário, apesar de ninguém saber exatamente o que se passava ali. As Mulheres do Rosário são, por tradição, as mulheres mais atuantes de Barroso. Elas vem sempre se manifestando contra a poluição em Barroso, a décadas. Estas mulheres conseguiram nos anos noventa fechar uma caieira no bairro. E, foram elas, claro, as primeiras a denunciar a queima de lixo na Holcim S.A. Antes, era a poluição da fábrica de cal, depois a poluição comum da fabricação de cimento e por último a queima de lixo químico no forno de cimento da Holcim S.A. Interessante ser colocado aqui que o resto da população de Barroso sempre agiu lacônicamente aos esforços e ganhos das Mulheres do Rosário. Mas sempre levaram de graça as vantagens. As Mulheres do Rosário são as primeiras pessoas em Barroso a fazer um movimento organizado e lutar até o fim por seus direitos. É de se esperar que seriam elas, as maiores e primeiras impulsoras de todo este movimento. Com elas também fui entrevistar diversas pessoas do bairro.

As queixas que escutei iam muito além daquelas normais criadas pela poluição causada pela fabricação do cimento no passado e elas mais que ninguém tem um acervo oral de

informações de doenças no bairro do Rosário que poderíamos falar aqui de epidemiologia popular.

Mas, Barroso vive da fábrica Holcim S.A e todos barrosenses direto- ou indiretamente estão ligados à ela. Não só os cidadãos comuns, mas todas as entidades públicas: hospital, escolas, igrejas, instituições de caridade, prefeitura, etc.

Então é de se imaginar o que pode acontecer quando uns poucos indivíduos levantam a voz sozinhos contra o sistema. Porque foi exatamente isso que aconteceu.

De repente o caso peculiar: mulheres “brigonas” do bairro do Rosário deixou de ser um problema dos moradores do Rosário, saiu do bairro, passou a ser um problema de Barroso, representado pela ODESC, passou a ser de Minas, do Brasil e do Planeta TERRA. Atingiu o sistema. Atingiu a transnacional suíça, atingiu a tão bem polida moralidade suíça. O que se iniciou foi um movimento revolucionário que a Holcim S.A nunca tinha presenciado em nenhuma de suas quase duzentas fábricas de cimento esparramadas pelo mundo.

A resposta que ela deu ao movimento foi cuidadosamente bem preparada e ocultada do resto de suas empresas esparramadas pelo mundo. Mas, mostrou mais uma vez a cara de uma cultura organizacional que remonta os inícios do século XX e nos leva a maior catastrophe do século XX: a contaminação do amianto.

No início de abril de 2004, a coordenadoria geral da ODESC e todos seus membros, decidiram por unanimidade iniciar uma campanha de conscientização sobre a queima de lixo no forno de cimento da Holcim S.A. Entramos com um pedido de tomada de providência nos ministérios públicos estadual e federal (maiores detalhes no subcapítulo 2.5).

A melhor forma de se fazer chegar uma informação ao maior número de pessoas no Brasil é através das igrejas, todos os tipos de igrejas.

Então escrevemos uma carta que denominamos: **Carta de Barroso 2** (veja anexo 1), a qual foi lida em diversas igrejas em Barroso. Ao mesmo tempo mandamos cartas para a Holcim S.A. e para a Prefeitura Municipal de Barroso pedindo explicações sobre a queima de resíduos na Holcim S.A em Barroso. Nunca recebemos resposta à estas cartas.

Numa segunda fase fomos para as maiores escolas, associações de bairro, rádios, jornais de Barroso e região, etc, dar informações sobre nossas investigações. O Boletim denominado Antenado foi criado. Começamos também, nesta época, a fazer contatos com jornalistas, políticos, ambientalistas, professores e estudantes universitários, membros de organizações civis em Tiradentes, Prados, Dolores de Campos, São João del Rey, Barbacena, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.

As reclamações dos moradores de Barroso contra a Holcim se intensificaram naquela época.

Agora já não só o bairro do Rosário reclamava, mais diversos moradores de outros bairros e do centro da cidade. A reclamação era sempre sobre um cheiro estranho, ardente nas narinas que causava dor de cabeça e um aperto na garganta. Apesar de diversas pessoas terem telefonado, reclamando, na época para os engenheiros responsáveis pela questão ambiental da fábrica, estes continuavam mantendo a posição de que não sentiam cheiro de nada e que não devíamos nos preocupar. Um engenheiro responsável pela relações públicas da Holcim em Barroso disse numa reunião em particular com uma das moradoras do Bairro do Rosário e também membro da ODESC que eles estavam queimando muito SPL. Segundo ele o SPL (Spent Pot Line) é um resíduo que resulta da limpeza das cubas de fundição de alumínio, sendo basicamente constituído por matérias refratárias. Ele disse também que a tendência era

aumentar a queima de resíduos já que a produção do cimento barrosense estava muito elevada.

Através de informantes viemos a descobrir depois que existia uma enorme quantidade de SPL num depósito da fábrica (antigo depósito de argila) e que se queimava uma tonelada e meia por hora de SPL e 36 toneladas por dia. Alguns empregados vieram nos procurar e disseram que o cheiro que sai do SPL é extremamente asfíxiante e que não conseguiam ficar muito tempo dentro do galpão. Sem dúvida o SPL foi um dos rejeitos industriais mais queimado em Barroso. Todo mundo só dava conta do pó branco, que ao ser cheirado causava asfixia. No licenciamento para o SPL dados sobre o Flúor foram omitidos. Segundo L. Navels o SPL contém o gás cloreto de hidrogênio, Hcl fluor, o que causa intoxicação pulmonar.

No dia vinte e sete de março de 2005 alguns moradores do bairro do Rosário vieram falar sobre “o extremo mau cheiro nos finais de semana, principalmente de sábado para domingo”. Achavam muito estranho que todo final de semana urubus sobrevoavam a chaminé. Neste sábado e domingo o mau cheiro foi insuportável e asfíxiante. No domingo, durante o dia, as pessoas passaram mal com falta de ar. Alguns moradores do bairro do Rosário ligaram para a Megahits (antiga rádio local), mas a rádio não quis transmitir as reclamações. Na segunda-feira consegui a informação que a Holcim estava queimando uma terra contaminada da COSIPA proveniente de São Paulo, Cubatão. Outro informante disse que, uma empresa terceirizada de transportes barrosense vem transportando resíduos de Cubatão para serem aterrados na pedreira da fábrica, no bairro da praia.

O estranho é que nesta mesma época, um fiscal do Ministério do Trabalho multou a empreiteira Norte que presta serviços para a Holcim no galpão de SPL, fechou o Galpão e disse para os trabalhadores que se eles ficassem fechados ali durante 30 minutos sairiam mortos, Segundo um informante da fábrica.

O bairro da praia é o primeiro bairro de Barroso. Ele foi formado por famílias afrobrasileiras que ao longo do tempo foram ganhando terras dos antigos fazendeiros daquela região. Assim o acidente com o tal “pó branco” derramado na rua Oliveira, em abril, na Semana Santa, só veio confirmar os boatos de que a Holcim estava enterrando rejeitos nas crateras da pedreira. A rua Oliveira é uma longa rua que se inicia no bairro do Rosário, passa pelo bairro São José e termina no bairro da Praia. No dia do derramamento houve tanta reclamação que a Holcim lavou a rua e mudou a rota dos caminhões para a zona rural chamada Agrião.

A resposta da Holcim à Carta de Barroso 2 foi primeiramente um folheto, o qual foi entregue nas portas das igrejas por alguns de seus funcionários. A Coordenadora Geral (CG) também recebeu uma carta de intimidação pessoalmente direcionada a ela. A Holcim também foi às maiores escolas para dar explicações sobre a queima de resíduos perigosos.

No final de abril a Holcim Barroso paga pela primeira vez ISS (imposto sobre serviços) sobre a queima de resíduos. Se ela pagou imposto deste tipo antes não foi registrado na Prefeitura Municipal de Barroso.

Dentro das dependências da Holcim Barroso há um canteiro de verduras e assim muitas instituições ganharam alface gratuitamente durante o mês de maio de 2004.

No dia 18 de maio a Holcim trouxe o Professor Maríngolo da USP para Barroso para explicar “cientificamente” que a incineração em fornos de cimento é segura. A ODESC recebeu o convite para comparecer à palestra três dias antes. No dia do evento, os

moradores do bairro do Rosário penduraram uma faixa preta na rua principal do bairro com os seguintes dizeres: “Os moradores do bairro do Rosário agradecem a Holcim pelas náuseas, depressões, problemas respiratórios e futuros cânceres, não nos resta mais nada a não ser agradecer”.

Também nestes dias de maio, algumas Mulheres do Rosário fizeram um abaixo-assinado para entregar ao Ministério Público Estadual. No abaixo-assinado os moradores pediam o fim da incineração de lixo em Barroso pela Holcim S.A. O abaixo-assinado tinha um total de 15 folhas numeradas e foi distribuído entre 3 mulheres. A Holcim Barroso conseguiu através de pressão e ameaças se apoderar de 7 folhas. No dia 17 de maio a polícia civil, sem mais nem menos, parou um carro na frente da casa de uma das moradoras do bairro, na rua Tiradentes, e, exigiu juntamente com o responsável pelas relações públicas da Holcim Barroso as folhas que ela tinha em mãos e ao mesmo tempo ameaçou o marido da mesma que ele perderia o emprego se não entregasse as folhas. O marido desta moradora era na época caminhoneiro de uma das empresas que prestava serviço para a Holcim Barroso. Ela prontificamente entregou as folhas. Mas depois disso foi diretamente junto com o marido procurar a CG e contar o ocorrido. A CG achou melhor ir fazer ocorrência direto do fato ao promotor público estadual. A ODESC guardou as outras folhas do abaixo-assinado a mando do promotor público estadual.

Nas atas da ODESC do mês de maio nada consta a não ser a nota que, no dia 18 de maio a Holcim convidou a ODESC para uma palestra sobre “co-processamento e segurança” na Câmara Municipal de Barroso. Mas me lembro muito bem deste dia. A Câmara estava lotada, a Holcim, com alguns funcionários do escritório central de São Paulo, estava representada em peso. Nós, da ODESC, não tínhamos microfone e fomos separados no salão e todas as colocações que fiz sobre a incineração foram vistas pelo professor da USP, Maringolo, como “uma visão catastrófica e sem fundamentos”. Tínhamos baseado nossas colocações em dados da Greenpeace e pesquisas na Europa sobre incineração. Infelizmente a Greenpeace não estava representada, apesar de termos pedido o seu assessoramento. No mesmo momento me veio uma sensação de que era melhor agir com mais cuidado ainda porque aquele professor não me pareceu nem um pouco neutro e profissional. A exibição de poder da Holcim naquele dia acentuou a nossa vulnerabilidade e impotência e o pior de tudo: a sensação de estarmos completamente solitários entre as montanhas isoladas de Minas.

2.3 O anestesiamiento do movimento popular

No mês de maio de 2004, o Jornal de Tiradentes publica a Carta de Barroso 2, na mesma página é também publicado um rascunho, sem a autorização da ODESC, que a Coordenadora Geral tinha escrito para a Greenpeace Internacional, a pedido da Greenpeace Brasil, sobre a Holcim. Este rascunho tinha ido por descuido no disquete onde estava a cópia da Carta, o qual deveria ser traduzido para o inglês num futuro próximo. O rascunho causou tumulto em Tiradentes. No rascunho a CG descreve de forma bem sucinta as práticas de corrupção da Holcim com o apoio das lideranças da cidade e os problemas ambientais da comunidade, como por exemplo o crescente e rápido aumento de câncer.

No mês de junho, a Holcim, através de seus 125 advogados associados manda outra carta para a CG. Desta vez dando um prazo de 10 dias para responder o porque da Carta de Barroso 2 direcionada à população. Mandamos a nossa resposta. Do outro lado não houve mais resposta.

A partir daqui, todos os membros da ODESC, todos, sem exceção, começaram a sentir a pressão da Holcim. A Coordenadoria geral começou a se esvaziar por receio de sofrer uma retaliação ou outra por parte da empresa. Diversos membros da ODESC foram “aconselhados” pela divisão de relações públicas da Holcim a se afastar da ODESC. A estigmatização se acentuava com o passar dos dias, já que a ODESC não conseguia sair do impasse de provar o que no momento era impossível de ser provado: a contaminação. Era a palavra de alguns pés rapados contra uma das maiores transnacionais do planeta. A CG passou a ser evitada até por alguns de seus próprios membros em situações públicas.

A Greenpeace preferiu se distanciar do assunto e não quiz, até o dia de hoje, mais nenhum contato com a ODESC. Pelo menos foi o que pareceu, já que depois disso foi impossível falar com alguém da Greenpeace Brasil ou Internacional. A Coordenadoria geral mandou emails e telefonou várias vezes mas sem sucesso.

No mês de junho do mesmo ano, a Holcim Barroso para de pagar ISS.

A partir daqui a Holcim intensifica os contatos com diversos setores estratégicos da comunidade barrosense através do projeto Ortópolis. O projeto é uma iniciativa da empresa para promover o desenvolvimento sustentável em Barroso. Até hoje a Holcim investiu 1 milhão e quatrocentos reais neste projeto, segundo Juliana Sitta, coordenadora do Instituto Holcim.

A única saída que nos restava era esperar para vêr como e quando o Ministério Público agiria.

Mas a tomada de providência no Ministério Público Brasileiro é no mínimo burocrática. As instituições estaduais ambientais não respondem às cartas enviadas pelo Procurador do Ministério Público ou demoram meses para responder, quando respondem colocam empecilhos burocráticos para não cumprir com o pedido do ministério público. O processo anda a passo de tartaruga enquanto a poluição atmosférica e a consequente contaminação química galopa como um cavalo selvagem.

Apesar de aparentemente parecer que o nosso movimento perdeu a força, ele começa a crescer, mais às escondidas. O número de informantes aumentam e com isso as histórias. As pessoas que nos procuram são: empregados da fábrica e suas mulheres, mulheres de caminhoneiros. Um encontro nosso com moradores do bairro do Rosário nos mostra o estigma do câncer de mama para um país como o Brasil. Oito mulheres do bairro com câncer de mama nos contaram o que é viver com esta doença em uma reunião no bairro.

A prefeitura e a Câmara de Vereadores mantiveram todo o tempo uma política de bons vizinhos com a Holcim. Em momento algum, até hoje, eles foram capazes de se expressar contra ou a favor das ações da ODESC, publicamente.

2.4 O enterro do anestesiado VIVO

Enquanto que nos meses de abril e maio de 2004, a Holcim diminui a queima de lixo, ela redobra a queima a partir de junho descaradamente. Tão descarado também, é a presença de uma mulher com uma mala preta andando pelo bairro do Rosário oferecendo presentes aos moradores. Diversas pessoas ganharam nesta época, fogões, geladeiras, passeios, lages, etc. A mulher sempre aparecia à noite e ficávamos sabendo de sua passagem pelo bairro depois que ela passou.

Também nesta época algumas pessoas ligadas a empreiteiras da Holcim ameaçaram a CG que, se caso, ela não parasse com esse movimento poderia pagar com a vida. No mesmo mês a Holcim através de um funcionário de Pedro Leopoldo telefonou duas vezes para a CG e ofereceu propina para que ela deixasse de se opôr à queima de lixo.

Será impossível de provar se o fogo que foi colocado atrás da casa da CG em julho tem a ver com estas ameaças já que julho se inicia por tradição o tempo de queimada em Minas. Também rituais de macumba foram colocados na esquina da casa da CG com seu nome.

No nosso Boletim “Antenado” distribuído no dia mundial do meio ambiente, cinco de junho, fica claro o ânimo naquele momento: “todos nós temos o direito à informação, à representação associativa, às regras equilibradas sobre o consumo, a nos reunirmos e a nos associarmos para fins lícitos e pacíficos. Isto quer dizer que todo brasileiro deve participar ativamente dos rumos desta nação Brasil e, principalmente, agir para melhorar, aprimorar e preservar o local em que vive”. A ODESC iniciou-se com 35 membros em setembro de 2003, restaram 11 até hoje.

A partir de julho a ODESC escolheu a estratégia de agir em silêncio e continuar a juntar provas para melhorar seu pedido de providência junto ao ministério público.

Em fevereiro de 2005 os onze membros restantes da ODESC resolveram dar continuidade a ODESC independente de todos os problemas futuros que poderiam lhes afetar por causa da Holcim S.A..

Em setembro morre, de câncer generalizado, aos 45 anos, um morador do bairro do Rosário e funcionário público da Prefeitura Municipal de Barroso. Este morador foi de extrema importância para a ODESC e para Barroso. Ele descobriu que a Holcim S.A não pagava impostos de ISS sobre a queima de lixo em seu forno de cimento em Barroso.

Na reunião da ODESC em abril de 2005, fica aparente a decepção de vários membros da ODESC, principalmente dos membros moradores do bairro do Rosário, para com o Ministério Público Brasileiro. A ODESC perdeu totalmente a força para atuar. As nossas reclamações contra a crescente queima de lixo químico caem no NADA. Só nos resta correr para os Ministérios Público Estadual e Federal. Nossos apelos a políticos, ONGs ambientalistas, etc não são ouvidos. Todos se fazem de mortos.

E, no desespero conseguimos um advogado no Rio de Janeiro que queria ajudar a ODESC gratuitamente a entrar com uma ação civil pública contra a Holcim S.A., mesmo sabendo que o Ministério Público estava agindo em matéria de grande complexidade e isso seria um dos motivos de toda a sua lentidão e mesmo sabendo que nossas chances seriam mínimas sem o apoio oficial do Ministério Público.

Seis meses depois o advogado Dornelles morre no Rio de Janeiro. A causa de sua morte foi uma bala perdida, segundo seus familiares.

Em maio, nos chega através de um informante de dentro da fábrica, a notícia da entrada de lixo químico da Rhodia de São Paulo, : “chegou um caminhão da RHODIA, acompanhado de homens de macacão branco e uma caveira preta nas costas. Eles ficaram vigiando o lixo entrar e desaparecer no forno, depois se foram.” Através de nossas investigações conseguimos descobrir que o lixo químico contém diamina e triamina radicais e entrou na fábrica no dia 12 de maio. Segundo L. Navels isto são substâncias altamente tóxicas, muito encontradas em lixo farmacêutico e eletrônico. Estas substâncias contém cianeto, outro veneno letal.

Aos cinco de junho mostramos a “cara de novo” e fizemos, mascarados, uma manifestação durante a missa das 10 horas da manhã, na frente da Igreja Sant’Ana. Todos os membros da ODESC e vários membros do bairro do Rosário estavam presentes. Fizemos uma faixa (9 X 4 metros) enorme verde e amarela com os dizeres: “Hoje é dia de dizer: não quero seus lucros mas também não quero seu lixo. Seja bonzinho”. Uma outra faixa: ”empresários pratiquem desenvolvimento sustentável” e uma terceira: ”Aqui nessa casa ninguém quer sua poluição”. A faixa verde e amarela

penduramos no meio de nossa praça principal, a praça Sant'Ana. No dia seguinte a faixa desapareceu.

Em julho a Holcim Barroso, tenta enquadrar a ODESC, sem sucesso no seu comitê de comunicação, alegando que era muito importante a ODESC ser membro do comitê. A ODESC não aceitou o convite. Por saber de antemão que o comitê era só para legitimar a incineração em Barroso.

O fato de estarmos solitários e isolados, sem apoio, nos incomodava cada vez mais e, aumentava a cada visita ao Ministério Público Federal ou Estadual.

Por mais simples que possa parecer, a descoberta de duas teses brasileiras da UNICAMP e da UFOP através de um dos membros da ODESC na internet, nas altas horas da madrugada caíram literalmente do céu. Com o caso Maringolo bem fresco em nossas mentes, tínhamos ficado sem chão e era essencial ter uma outra opinião a respeito da incineração no Brasil. Estas teses nos deram forças para continuar a luta. Prova disso, foi a campanha de conscientização no dia 7 de setembro, dia da ação global contra a incineração no ano de 2005. A campanha foi um sucesso, distribuimos cinco mil folders na rua. No final do desfile encontramos uns cinco folhetos no chão, o resto, o povo levou! (folheto: anexo 2)

Em outubro a CG resolve voltar para a Holanda, de onde tinha saído há 3 anos atrás. A sua sobrevivência e de sua família tinha se tornado impossível na região. A CG se tornou conhecida na região como uma *persona non grata*.

Ao mesmo tempo sua ida para a Holanda abriu outras portas e deu conhecimento internacional a causa de Barroso.

A ODESC deu continuidade às suas atividades com o vice coordenador à sua frente e promoveu aos dias onze fevereiro de 2006 o I Seminário Mineiro sobre a Incineração em Barroso. No seminário havia mais de 200 participantes de Barroso e região. No seminário estavam também presentes a Coordenadora Geral da ODESC: Valéria Nacif, a professora Dra Auxiliadora Santi da UFOP, especialista em incineração de resíduos em fornos de cimento e o diretor de Saúde Ambiental da Associação de Combate os Poluentes - ACPO: Jeffer Castelo Branco e, também claro, vários funcionários da Holcim, inclusive Maringolo. No seminário foi colocado claramente para os presentes o perigo dos riscos ligados a incineração, tais como: contaminação tóxica e riscos correlacionados tanto quanto a insustentabilidade da incineração como alternativa para a indústria cimenteira. Do seminário resultou a “Carta de Barroso”, que foi assinada por diferentes organizações ao redor do mundo.

A Holcim Barroso continuou com suas práticas ortodoxas como se nada estivesse acontecendo. Em maio ela abriu uma unidade da Resotec em Barroso para o tratamento e preparação de resíduos perigosos dentro da fábrica. Nada se sabe sobre o processo de licenciamento desta atividade em Barroso. Segundo informantes a Holcim Barroso estava contratando jovens na faixa etária de 20 anos, oferecendo um salário exorbitante de 1.500 reais para o interior de Minas, além de cesta básica, plano de saúde e bolsa de estudos. Um empregado de uma empresa terceirizada que trabalha no galpão de SPL, por exemplo, ganha um salário mínimo.

Ela também iniciou na mesma época um projeto para informar crianças do ensino básico o que é o “co-processamento”, convidando crianças par ir à fábrica e ver de perto o processo.

2.5 O papel dos órgãos públicos

O papel dos órgãos públicos em Minas Gerais é muito claro quando se trata de problemas ambientais. Basta só acontecer alguma coisa para se ter uma prova concreta das formas de atuação dos ministérios públicos e dos órgãos ambientais públicos responsáveis.

O Ministério Público da União (MPU), tem se mostrado uma instituição extremamente burocrática e lenta. Analisando e levando em consideração o nosso pedido de tomada de providência pode se dizer que, o MPU é no mínimo contraditório e discriminador. Contraditório porque não faz valer os objetivos que o levaram à sua existência e discriminador porque prefere dar ouvidos a órgãos públicos corruptos em detrimento dos direitos do cidadão.

No dia treze de abril de 2004, a ODESC deu entrada no MPU de um pedido de tomada de providência. Na tomada de providência, a ODESC pede que seja aplicado o princípio de precaução e se baseia em vários fundamentos, sendo que alguns deles estão sob sigilo no MPU e não serão citados aqui :

- Contra a incineração em fornos de cimento em geral, e em particular, contra a Multinacional HOLCIM S.A por incinerar diversos RPs em áreas densamente populosas, tais como em Barroso, Pedro Leopoldo e Cantagalo;
- Devido ao perigo de contaminação por dioxinas, furanos e metais pesados ;
- Perigo na demora ;
- Devido à exposição contínua de milhões de pessoas a tóxicos químicos ;
- Contra a formação de Cartel ;
- Devido ao fato de que a atividade principal da empresa é incinerar RPs ;
- Fraude e violação de regras de direito ambiental, administrativo e comercial ;
- Fraude no licenciamento ambiental permitindo a incineração de mais de 150 tipos diferentes de RPs só para a HOLCIM S.A.
- Violação de direitos humanos ;
- Devido a parceria entre multinacionais que prejudicam a soberania do Estado brasileiro.

O primeiro pedido de providência foi acompanhado de um trabalho de pesquisa com os seguintes resultados :

- A fábrica de cimento Holcim S.A queima diversos tipos de resíduos perigosos no seu forno de clínquer. Isto era até abril de 2004 um fato desconhecido pela comunidade barrosense. Oficialmente a empresa iniciou a co-incineração de RPs em 2002, não-oficialmente em 1995 ;
- Diversos procedimentos do licenciamento foram olvidados, p.ex.: não houve participação pública, não houve um debate aberto sobre o assunto, permissão incondicional do prefeito sem participação do poder legislativo, etc.;
- Sonegação de impostos relacionados à co-incineração de RPs ;
- Diversos casos de câncer de mama e alergias no bairro em torno da fábrica ;
- A atividade principal da empresa é queimar lixo e não fabricar cimento ;
- Há transporte ilegal de RPs para Barroso ;
- Há RPs aterrados ilegalmente em Barroso ;
- Grandes multinacionais conseguem em « no time » licenciamento para mandar incinerar seus RPs em Barroso ;
- Diversos procedimentos de proteção ao trabalhador na planta fabril são olvidados ;
- O médico do trabalho nunca diagnostica casos de acidentes relacionados ao manuseio, transporte e incineração de RPs. Oficialmente não acontece nenhum acidente de trabalho correlacionado ;

- A elite barrosense apoia totalmente a incineração em Barroso, diversas pessoas tem pequenas empresas terceirizadas dentro da fábrica;
- Aumento de doenças que podem estar relacionadas à incineração, nos últimos 5 anos.

Com o tempo fomos adquirindo mais informações e juntando mais experiências, melhoramos nossas denúncias, as quais foram se amontoando no MPU. Em diversas atas da ODESC durante estes cinco anos de contato com o MPU, fica claro a decepção e o sentimento de impotência com o MPU. A ODESC participou ativamente não só na construção do processo mas trouxe várias vezes informações, investigações e provas concretas das irregularidades em torno da incineração em fornos de cimento no Brasil, em peculiar das práticas ilegais da empresa multinacional suíça Holcim S.A. e, de corrupção administrativa nos órgãos públicos. A percepção surge de que o MPU ainda é uma instituição não totalmente independente e democrática, ainda no berço de sua constituição. A troca extrema de procuradores e assessores que sofremos deixa a marca da ignorância a respeito do caso. A cada novo procurador e/ou assessor se inicia uma nova fase do processo dando a impressão de um caso eterno sem solução. Cada um toma um outro fio de meada e não leva em consideração o nosso requerimento para que seja aplicado o princípio de precaução do nosso pedido de tomada de providência.

Visto a montanha de papéis e a forma do desenvolvimento do procedimento no Ministério Público Federal pode se dizer que o dia em que se tomar uma providência já não se poderá mais dizer que houve aplicabilidade do princípio de precaução devido ao estado rápido de contaminação a que estamos diariamente expostos. A ODESC trouxe informações fortes o suficiente, que embasam uma intervenção do Ministério Público da União nos órgãos ambientais responsáveis, tais como CONAMA e FEAM, nas empresas fornecedoras de resíduos, nas transportadoras e na incineradora Holcim S.A.

Um exemplo prático para a necessidade de rapidez na aplicabilidade do princípio de precaução ficou bem claro ao acontecer um acidente ambiental em Barroso, no dia sete de abril de 2006. Barroso já sofreu vários acidentes ambientais, mas nenhum deles alcançou repercussão como este. O acontecimento deste acidente foi ao mesmo tempo, a prova concreta de que tudo continuaria do mesmo jeito e que estava claramente cristalino que nenhum órgão público faria realmente o seu papel, como deve ser feito num estado democrático.

Pelo menos foi isso que ficou bem claro quando ocorreu um acidente ambiental em Barroso no dia sete de abril de 2006.

Segundo a ata número 35 da ODESC até o dia 13 de abril ninguém ainda sabia exatamente qual tinha sido o resíduo que foi derramado num bueiro na rua Tiradentes, principal rua do Bairro do Rosário (veja artigo abaixo). Segundo um funcionário da antiga FEAM quem acionou o órgão público foi o próprio jornalista do Jornal Estado de Minas, o qual foi acessado pela ODESC. A propor, a ODESC informou todos os órgãos responsáveis: FEAM, Poder Público local (executivo e legislativo), imprensa jornalística, televisiva e radiofônica. A ACPO orientou a ODESC como agir no caso, já que a Holcim mandou que se jogasse água no bueiro aumentando a proporção do acidente. As pessoas do bairro do Rosário ainda continuavam com os sintomas de intoxicação até o dia 13 de abril. No dia do acidente e nos dias que se seguiram diversas pessoas deram entrada no hospital mas os médicos presentes se negaram a fazer laudos médicos sobre as condições de saúde dos moradores do bairro do Rosário nem tão pouco admitiram a necessidade de se fazer ocorrência policial sobre o caso. Nesta reunião da ODESC estava também presente o Deputado estadual Edson Resende de Barbacena que sempre tem apoiado o movimento em Barroso contra a incineração. Ele se disponibilizou em levar o caso para conhecimento na Assembléia Legislativa de

Minas Gerais. A intenção era tentar criar uma plataforma para discutir numa audiência pública a situação da incineração em Minas. Infelizmente não houve por parte das outras frações partidárias interesse a respeito, apesar de também a Câmara de Vereadores Municipais ter pedido o apoio à ALMG.

Na segunda semana de maio chega às mãos de um membro da ODESC uma cópia de um fax recebido pela Holcim na manhã seguinte ao acidente ambiental. A cópia era uma ficha de emergência, dada por um informante, tratando-se do resíduo SPL.

Segundo verificações da ODESC, podemos constatar 21 casos de intoxicações agudas, porém sem especificação precisa do tipo de intoxicação.

Apesar de nossas constantes insistências em pedir ajudar a diversos órgãos públicos, tais como : antiga FEAM, classe médica barrosense, FIOCRUZ, Vigilância em Saúde ambiental e outros, ainda continuamos sem apoio técnico.

Mas pelo contrário, um órgão público pode nos prejudicar como está descrito na ata número 38 da ODESC : ‘O órgão ambiental do estado de Minas (FEAM) constatou que realmente houve um acidente ambiental em Barroso mas que a empresa envolvida, a Holcim, tomou todas as medidas cabíveis ao evento e que os moradores do bairro do Rosário estariam usando o acidente para denegrir a imagem da empresa em questão. O que esperar mais dos órgãos públicos e instituições a eles vinculadas, é a pergunta geral da assembléia reunida’.

O relato abaixo, de um dos membros da ODESC, foi mandado, em forma de email, para diversas instituições e pessoas informando o acontecido. Em seguida, apresento algumas cópias de documentos importantes da extinta FEAM, para têrmo de comparação.

Acidente Barroso Bairro Rosário

Segunda-feira, 10 de Abril de 2006 1:25

Como é do conhecimento dos senhores o Bairro do Rosário, onde está situada a indústria Holcim S.A. está situada nesse Bairro.

Na sexta-feira os moradores tiveram que sair de suas casas porque um cheiro insuportável proveniente da rede pluvial retornava até o interior das casas pelos encanamentos.

Primeiro, cumpre consignar que o(s) gases começaram a se intensificar quando a população avisou a RESOTEC empresa do Grupo Holcim, instalada desde janeiro em Barroso. A referida empresa ao saber da situação mandou um carro pipa injetar água na parte alta do bairro. Ao contato com a água o cheiro foi ficando mais intenso. A polícia foi chamada para registrar a ocorrência e disse que nada poderia fazer porque dependia da Vigilância Sanitária. Liguei para a Polícia e argumentei que o que era necessário era o registro do fato. Eles lá retornaram. Na hora de se procurar o "culpado" chegou-se ao SR. JOEL, dono de um lava-carros que arguido disse que não poderia entrar em contato com a Holcim já que lava diversos caminhões da empresa. Cumpre ressaltar, que os que caminhões que ele lava são aqueles que transportam resíduos (caminhões que deveriam entrar com o peso mais a carga e sair com o peso do caminhão), ocorre que sempre fica um pouco de resíduo e onde o motorista (Empresa transportadora de resíduos para a unidade Holcim- = Sempre Viva Ltda) vai levar seu carrinho? (R-No "lavador" do Joel e assim todos fazem. Ocorre, que desta vez o motorista indignado com a quantidade de resíduos e não podendo retornar com a carga resolveu jogar a carga em uma "boca de lobo", bueiro, e a desgraça está feita.

Segundo a legislação em vigor, são responsáveis cível, administrativamente e criminalmente a unidade transportadora (Empresa Sempre Viva) e a Unidade receptora (RESOTEC E HOLCIM). Trapalhadas à parte, o Sr.Ronaldo (gerente da RESOTEC local) mandou, ao perceber que o cheiro aumentava com a água que fosse "entupidas" as "bocas de lobo" com areia, fato que poderia fazer que o odor aumentasse nas residências, mas disse que agia assim sob orientação da Prefeitura (Foi impedido por Celi, atual vice-coordenadora da ODESC e moradora do Bairro). Logo em seguida foi desmentido pelo Prefeito que já havia sido acionado pela ODESC (deixamos claro para ele que a responsabilidade sobre defesa civil é do Município e isso era o caso). Hoje, Estavam no local , Prefeito, vereadores, empreendedores e moradores do bairro, além das Polícias militar e ambiental. Detalhe, após lavrar o BO a polícia foi convidada a entrar na Holcim para que fosse demonstrado que o cheiro não vinha de lá (coisa de doido, né?). O Padre convocou a população para uma manifestação logo pela manhã às 06h30min. A

imprensa foi comunicada. Advogados da empresa estavam no local para fazer o velho e conhecido jogo podre de intimidação (a lei serve ao rico, "o dinheiro fala mais alto e só fala com rico, conclusão - a última razão é do mais aquinhado). Precisamos de ajuda dos senhores. Aqui o que há é um movimento popular contra uma corporação (isso é uma m). Precisamos de uma moção pública de outras entidades da sociedade civil demonstrando nosso repúdio à desídia que as populações expostas vem sendo tratadas pelos poderes públicos e pelo PODER PRIVADO (Democratura empresarial - lobo como o desejo do lobo). PRECISAMOS DE AJUDA. A população está produzindo bandeiras pretas e máscaras para a manifestação.

Precisamos, na verdade, expor e registrar esses fatos históricos.

Estou elaborando estudo para demonstrar que o licenciamento ambiental que não apresenta condicionantes (como audiência pública, in casu) pode desencadear esse processo louco de exposição ao risco, à indeterminação ou a ignorância e que as consequências podem ser dramáticas, porque vejam bem- o caminhoneiro derramou o resíduo no "bueiro" (overdose de exposição), mas o lavador de carros, cuja água de suas "lavanças" diárias vai para os "bueiros" comete com as benções da unidade transportadora e receptora dos resíduos - uma contaminação homeopaticamente dosada.

Agora é hora de usar instrumentos que efetivem soluções para as famílias expostas.

O empreendedor disse que o resíduo é gasolina adulterada (não sabemos)

Estive no local e percebi o seguinte-

- 1- O gás arde as narinhas;*
- 2- trás confusão mental;*
- 3- provoca secura na garganta;*
- 4- a língua saliva mais;*
- 5- senti um gosto meio salgado ácido;*
- 6 - os olhos coçam muito pouco, mas há um ardor;*
- 7- há uma sensação de constante incômodo;*

Coisas estranhas -

1- moradores coletaram o material do bueiro e demonstram uns para os outros o cheiro (orientamos a não fazerem isso);

2- Esclarecemos que tal prova não tem grande valor jurídico, posto que a coleta foi feita por moradores em baldes, sem critérios de proteção e outros critérios científicos;

3- AMANHÃ A A FEAM VIRÁ ATÉ O LOCAL;

3.1- Há risco de contaminação de população, ambiente e da bacia do rio das mortes, dentre outros fatores graves.

4- Estou com a idéia de propor que seja feito um requerimento de reavaliação das licenças concedidas para a transportadora, para a unidade receptora (Holcim / Resotec) , inclusive das licenças de operação, esse ou esses requerimentos seriam assinados pelos moradores do bairro e da cidade e Autoridades locais + membros da comunidade científica e organizações da sociedade civil e outros movimentos sociais, enfim cidadãos.

Um grande abraço fraternal,

apesar de tanta barbaridade,

ODESC- Barroso- MG.

PRODUTO QUÍMICO

Ato contra a poluição

FERNANDO SOUZA

RICARDO BEGHINI

Com máscaras, faixas e bandeiras, moradores do bairro do Rosário, em Barroso, no Campos da Vertentes, protestaram ontem contra a fábrica de cimento Holcim. Os manifestantes afirmam que, sexta-feira, sobras de resíduos químicos inflamáveis – usados para alimentar os fornos de clínquer da empresa –, armazenados num caminhão-tanque, foram despejados no bueiro da cidade, provocando forte odor. Alguns moradores tiveram mal-estar, vômito e dor-de-cabeça. A dona-de-casa Maria José Moreira Campos, de 48 anos, foi levada ao hospital com dores no estômago e cabeça. Os médicos constataram aumento na pressão arterial. “Nunca tive este tipo de problema”, disse ela, que vive na Rua Dolores de Campos, em frente às instalações da multinacional.

No fim de semana, amostras do produto foram recolhidas pela comunidade e pela perícia técnica da Polícia Civil de Barbacena. De acordo com a vice-coordenadora da ong Organização Desenvolvimento Sustentável e Comunitário, Celi Moura de Souza, o resíduo tóxico foi liberado na Rua Tiradentes, al-

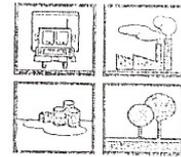


Moradores de Barroso denunciam o lançamento de rejeito em bueiro

tura do número 34, em frente a uma oficina mecânica. “Esses resíduos são passivos ambientais de grandes empresas, usados como combustível pela Holcim”, afirma. No boletim de ocorrência (BO) registrado pela Polícia Ambiental, um representante da empresa confirma que o produto é usado como combustível. Ele apresentou aos policiais nota fiscal com dados sobre o material – líquido poluente denominado C9 (gasolina adulterada) – e a empresa responsável pelo caminhão.

Em nota, a Holcim informa que,

ao tomar conhecimento do incômodo causado aos moradores, alertou as autoridades sobre a possibilidade de contaminação da rede pluvial, solicitando que as bocas-de-lobo fossem tapadas com areia, para dificultar o vazamento de odores. A empresa se comprometeu a prestar assistência aos moradores afetados. Uma equipe da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam) chegou ontem a Barroso. Além de investigar as circunstâncias do derramamento, os técnicos vão avaliar se as medidas para amenizar o mau cheiro foram corretas.



RELATÓRIO DO NÚCLEO DE ATENDIMENTO DE EMERGÊNCIA – NEA/FEAM

Local da ocorrência: Rua Tiradentes, Bairro do Rosário

Município: Barroso

Data e hora do acionamento do NEA: 10/04/2006 às 11h00min.

Data e hora de chegada ao local: 10/04/2006 às 17h00min.

Coordenadas geográficas: não disponibilizada

Informante: Repórter do jornal Estado de Minas (Ricardo Beghini)

Atividade: -

Tipo de acidente: Derramamento clandestino de produto químico não identificado em rede de águas pluviais

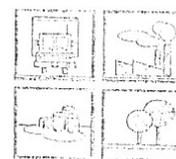
Órgãos que compareceram ao local: NEA/FEAM, Polícia Militar Ambiental, representantes da empresa Holcim e representantes da comunidade.

RELATO DO ACIDENTE

Em 10/04/2006, por volta das 11h00min o NEA foi acionado para verificar o derramamento de um produto químico a princípio não identificado ocorrido no dia 07/04/2006 na rede de águas pluviais no Bairro Rosário, localizado no município de Barroso, com forte odor, e que estaria causando vômitos, náuseas e dor de cabeça nos moradores próximos ao local do fato ocorrido.

Por volta das 17h00min, o técnico de plantão do NEA chegou à cidade de Barroso, encaminhando primeiramente a Delegacia de Polícia do município, onde obteve cópia do Boletim de Ocorrência feita pela Polícia Militar.

Em seguida, o técnico se dirigiu ao local da ocorrência, encontrando a rua tomada pelos moradores que estavam realizando manifestação pública contra a empresa Holcim, acusando-a de provocar continuamente poluição atmosférica que estaria afetando a saúde dos moradores. Pela percepção do técnico do NEA, o derramamento acontecido serviu como pretexto aos moradores para adquirirem visibilidade em seus problemas de relacionamento com a empresa Holcim.



Entretanto, podemos constatar a veracidade da denúncia, com as bocas de lobo e caixas de passagem das águas pluviais exalando forte odor.

Mesmo com a aparente agressividade demonstrada pelos moradores, passamos a entrevistá-los especificamente em relação ao derramamento acontecido, ocasião em que o Prefeito do município chegou ao local, sendo o assunto direcionado aos problemas ambientais de rotina da Holcim.

Após conversarmos com o Prefeito, demos por encerrada as nossas atividades do dia.

No dia seguinte, dia 11/04/2006, dirigimos à empresa Holcim, sendo recebido pelo responsável pelo meio ambiente da empresa, a advogada do grupo cimenteiro, e pelo representante da Resotec, empresa que realiza os trabalhos de co-processamento de resíduos na Holcim.

Durante as discussões, teve-se a evidência de que o fato tenha ocorrido em função de uma lavagem do tanque de uma carreta contendo o produto C 9 (gasolina adulterada), após a descarga do mesmo para o co-processamento na empresa, porém sem nenhuma comprovação, visto que o material não tinha sido recolhido para análises em laboratório, e muito menos existiu qualquer testemunha do fato.

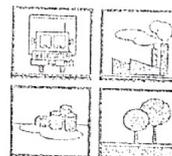
A evidência se baseou nas características olfativas do produto e na cópia da nota fiscal cedida pela Holcim, com a comprovação do único veículo que saiu da empresa no período estimado do acontecimento do fato.

Considerando se tratar de uma emergência, foi solicitado o apoio da Holcim para a realização do trabalho de limpeza da rede de águas pluviais em questão, com a sucção de qualquer material que porventura ainda esteja na canalização e o seu co-processamento na própria Holcim.

Foi solicitado ainda, o auxílio no monitoramento do Rio das Mortes, à montante e à jusante do ponto de lançamento das águas pluviais, para a comprovação de que sua qualidade não tinha sido alterada.

A Holcim, de imediato providenciou toda a estrutura para a realização das ações descritas acima, tendo os trabalhos de limpeza se iniciado por volta das 13h30min, tendo o nosso atendimento se encerrado em torno das 15h00min, quando praticamente todo o trabalho de limpeza já tinha sido concluído.

O NEA solicitou ainda ao representante da Holcim, o envio à FEAM do relatório conclusivo das operações de limpeza, incluindo documentação fotográfica e o resultado das análises laboratoriais.



Anexos:

- Boletim de Ocorrência lavrado pela polícia Militar;
- Auto de Fiscalização;
- Cópia da Nota Fiscal cedida pela Holcim do único veículo que saiu da empresa durante o período estimado de ocorrência do derramamento;
- Cópia do comunicado à imprensa isentando a Holcim de qualquer responsabilidade pelo acidente;
- memorial fotográfico da remediação do derramamento ocorrido.

Belo Horizonte, 12 de abril de 2006.

Newton PT de Oliveira
Newton Pascal Tito de Oliveira
NEA/FEAM



Rodovia Poços-Andradas – km 10
Poços de Caldas – MG
S.O.S. COTEC
0800 111 767

TITULA DE EMERGENCIA

Nome apropriado para embarque	Número de risco:	X462
SÓLIDO QUE REAGE COM ÁGUA, TÓXICO, N.E. (Alumina, Sílica, Fluoretos)	Número da ONU:	3134
SPL – REVESTIMENTO GASTO DE CUBA	Classe ou subclasse de risco:	4.3
	Descrição da classe ou subclasse de risco:	SUBSTÂNCIAS QUE, EM CONTATO COM A ÁGUA, EMITEM GASES INFLAMÁVEIS.

Aspecto: Sólido tóxico, de cor cinza e odor leve de amônia. Risco subsidiário na classe 6.1

EPI: Luvas de PVC, botas com biqueira de aço, proteção metatársica, óculos ampla-visão, respirador fácil de peça inteira com filtro multigás tipo ABEK (Gases ácidos, vapores orgânicos e amônia) mascarar contra gases, camisas de mangas compridas e macacões Tyvek.

RISCOS

Fogo: O produto não é inflamável porém em contato com a água ou umidade do ar, libera gases inflamáveis (metano e hidrogênio). Estes gases são liberados de maneira lenta e se representam perigo apenas quando estão localizados em lugares pouco ventilados ou espaços confinados.

Saúde: A poeira ou fumaça pode causar irritação nos olhos, na pele ou no trato respiratório superior. Exposições graves podem resultar em asfixia. Em contato com a água ou umidade do ar podem liberar amônia e fosfina que também provocam irritações nos olhos e no trato respiratório superior.

Meio ambiente: O produto pode contaminar mananciais de água. O vapor do sólido é mais pesado que o ar. Solubilidade em água: Reage com água.

EM CASO DE ACIDENTE

Vazamento: Minimizar pó e contato com a pele durante a remoção. Juntar e colocar em recipientes (ou caçamba ou caminhão) ou numa pilha protegida de resíduos num pátio impermeável. Evitar choque ou contato com a precipitação. Juntar, testar e, se necessário, tratar a vazão. Dispor através de incineração ou num aterro sanitário federal ou estadual autorizado e quimicamente seguro, isolado de resíduos ácidos e, preferencialmente, de resíduos alcalinos. Evite a entrada em rede de esgotos, sistema de ventilação ou áreas confinadas. Elimine todas as fontes de ignição. Impeça faúlhas ou chamas. Não fume. Nunca adicione ácido ao SPL pois poderá haver liberação de ácido cianídrico (HCN) e ácido sulfídrico (H₂S) em concentrações que podem ser fatais. Mantenha materiais combustíveis (madeira, papel, óleo, etc.) afastados do material derramado. Pare o vazamento se isto puder ser feito sem risco.

Fogo: Caso haja envolvimento desse material em um incêndio, usar espuma, pó químico seco ou água como agentes de combate ao fogo. Utilize jatos de água corrente em grandes pedaços. Para partículas, poeira ou alumínio derretido, utilize extintores da classe C. **Não utilize:** Extintores halogenados em pequenas partes/partículas. O contato com a água pode gerar gases tóxicos e inflamáveis.

Poluição: Evite a entrada em rede de esgotos, sistemas de ventilação ou áreas confinadas, veios d'água, lagos, córregos ou rios, construindo diques de contenção com terra ou areia.

Envolvimento de Pessoas: Pele: Retire imediatamente todas as roupas contaminadas, lave com grande quantidade de água e sabão durante 15 minutos. Olhos: Lave imediatamente com grande quantidade de água por mínimo 15 minutos, mantendo as pálpebras afastadas para assegurar a lavagem. Inalação: Remover a pessoa para o local ao ar livre. Checar as vias respiratórias, respiração e a presença de pulso. Fornecer CPR para pessoas sem pulso ou respiração.

Informações ao Médico: LD50 ou LC50 para vias de ingresso oral, dérmica ou inalação:
Níquel – oral / rato LD50 – 9000mg/Kg. Peso do corpo.
Silicone – oral / rato LD50 – 3160 mg/kg. Peso do corpo.
Manganês oral/rato LD50 – 9000 mg/kg. Peso do corpo.
Exposições moderadas aos gases de HCN e H₂S podem causar efeitos como dor de cabeça, fraqueza e enjôo.

Observações: Manter medidas de primeiros socorros, até a completa recuperação do paciente.
Ao motorista: Em caso de emergência, vestir o EPI e realizar os procedimentos acima, em especial o isolamento e evacuação da área, desde que seja possível fazê-los considerando a gravidade do vazamento. Solicitar apoio da empresa em qualquer situação de emergência.

Cópia doada por um informante.



Fotos tiradas por um membro da ODESC no bairro do Rosário

Dois meses depois, no dia 9 de junho, acontece outro acidente, o qual foi, com sucesso, totalmente abafado pela fábrica. Neste dia, à noite, o forno pegou fogo. Aproximadamente 14 trabalhadores ficaram feridos. Nenhum deles foi internado no Hospital de Barroso, a maioria com sintomas de intoxicações e queimaduras, Segundo um taxista em Barroso. Infelizmente os trabalhadores feridos preferiram silenciarem. Neste dia o forno “entupiu com um solvente da empresa Solventex”. Segundo outro informante o rejeito “era borra de tinta, sem licença”.

2.6 A ditadura empresarial

Quando uma pessoa ou instituição representa uma ameaça ao status quo, é normal que haja uma reação, os donos do status quo, por exemplo, também ameaçam e, ou pressionam. É isto que a Holcim e seus fiéis funcionários fazem o tempo todo em Barroso. Alguns adoecem outros até morrem por isso.

Mas a gritaria que o promotor público estadual aprontou com a CG no dia nove de junho de 2005 tem haver com outras coisas. Neste dia de entrevista, como sempre, a CG queria saber do promotor sobre o andamento do processo e era comum a pergunta quanto tempo ainda temos que esperar ?

Mas neste dia o promotor, sem mais nem menos perdeu, a cabeça e começou a gritar dizendo que iria arquivar o processo que aquilo não daria em nada, porque outro promotor tentou dez anos processar a Holcim em outro caso, “nadou, nadou e morreu na praia”. Depois de muito gritar, ele disse : “agora a senhora pode voltar para a Holanda”. O ministério público estadual insiste em manter a posição de que o licenciamento e os laudos da Holcim estão corretos. O que na verdade não é. (veja cap. 1. Este promotor já era o segundo no caso, depois veio um terceiro e um quarto, e da mesma forma aconteceu no Ministério Público Federal. É um tal de trocar de cadeiras. Logo surge a pergunta : porque trocam tanto? Qualquer organização séria sabe que este troca-troca só prejudica o andamento de um processo judicial. A única resposta viável está na percepção do medo. O medo, nos vem perseguindo desde o começo. Pessoas, normalmente da classe média e alta de Barroso, evitaram membros da ODESC, ameaçaram, menosprezaram e tentaram nos incutir o mesmo medo. Era comum escutar : “você não tem a menor chance” ou “não demora muito e a CG vai ser encontrada morta numa vala com a boca cheia de formigas”.

Depois do acidente ambiental de abril de 2006 as posições das pessoas e das instituições ficaram mais claras.

Parece que este medo é válido para todos que tem haver com a Holcim S.A.

O antigo Prefeito Arnô Napoleão, que antes tomava uma posição de ficar em cima do muro, tomou agora distância total da ODESC, inclusive seus funcionários de confiança. Ele se tornou um convidado assíduo da fábrica, seu lugar preferido de fazer reuniões. A fábrica organiza tudo : plano diretor da cidade, dia mundial do meio ambiente, cimento para os eleitores do prefeito, etc.

Acidentes de trabalho são de preferência escondidos. Trabalhadores que sofreram algum acidente ou doença de trabalho preferem não abrir a boca com medo de retaliação da fábrica ou de terceiras.

As diversas vezes que a ODESC tentou conversar com trabalhadores não deu em nada. Eles preferiram ficar em casa, ou em outro lugar, esperando a melhora, com o apoio financeiro e médico da Holcim. Na fábrica não há comunicação de acidentes de trabalho e os laudos dos técnicos de segurança são falsificados. Em alguns casos não houve melhora.

O ritual do enterro de algum defunto trabalhador da fábrica é financiado pela fábrica. No enterro a classe fabril está representada em peso, inclusive, o novo gerente e sua esposa. Empregados doentes ganham todo apoio financeiro e médico necessários. Tentar convencer algum trabalhador da fábrica de cimento Holcim Barroso a apresentar alguma denúncia, é tempo perdido, ninguém tem tamanha “coragem”.

Enquanto que em outros lugares, a classe médica de um lugar contaminado é a primeira a fazer alarde, em Barroso rege a covardia e o medo coletivos. Prova concreta disso foi o debate que a ODESC organizou em março de 2007 sobre os riscos de saúde relacionados ao manuseio, transporte e incineração de resíduos perigosos, com pesquisadores da CNSP/FIOCRUZ. Não havia um médico para sequer representá-los, apesar de a ODESC tê-los convidado em especial juntamente com os funcionários do hospital de Barroso.

Nos meses da seca, o hospital enche. Assim, no dia dez de junho de 2006 o hospital contava com 80 crianças doentes com problemas respiratórios e um pediatra com câncer. Não havia camas o suficiente e, os consultórios médicos foram usados para receber os hospitalizados. No dia 23 de junho, o prefeito tem a coragem ou a covardia de dizer na sua rádio : “em Barroso nunca houve tão poucos casos de doença”.

A Holcim agora deixava clara a estratégia de dividir para reinar : o hospital tem interesse em manter uma política de bons amigos com a Holcim devidos os subsídios que ele recebe da mesma e devido ao trabalho voluntário oferecido pela esposa do gerente da fábrica. Não há hoje um projeto onde não haja a mão da fábrica e a presença “simpática e solidária” do novo gerente.

A rádio clandestina Megahits que sempre apoiou a ODESC, agora tem seus direitos de emissão restringidos, apesar de ter vivido anos a fio na clandestinidade com o apoio das autoridades locais.

O MPU se finge de morto. E só acorda quando a ODESC aparece com novas provas e fatos.

A ODESC fez todos estes anos de atuação o seu papel : lutar pela cidadania e pelos direitos humanos em um país onde isto ainda está longe de ser aceito. O Brasil mais uma vez prova que o que está escrito está longe de ser realidade. E a realidade é sempre distorcida aos sabores e dissabores de quem vê seus interesses particulares/familiares ameaçados. O Brasil ainda está muito longe da democracia plena. Infelizmente o Ministério Público com todos seus problemas estruturais propaga a desilusão no povo com uma instituição que parecia ser a mais séria do país. Isto é um tapa no rosto daquelas pequenas organizações sérias que vivem de trabalho 100% voluntário, como é o caso da ODESC, que lutam em situações deploráveis na busca pela cidadania e na luta pela democracia. A falta de atuação do MPU não só atrapalha como prejudica, já que as pequenas ongs só podem se apoiar no MPU e são 100% dependentes de sua atuação. Espero, ter ficado claro aqui que a ODESC com todas as suas limitações fez o seu papel e continua fazendo dentro de uma comunidade que está totalmente presa pelas garras do totalitarismo e da ganância da transnacional suíça Holcim S.A. No capítulo 3 entraremos em mais detalhes sobre isso.

A Holcim S.A., com toda sua história organizacional de vilã do século XX, é uma das responsáveis pela maior catástrofe sanitária do século XX, a contaminação do amianto. Ela usa e abusa de seu poder, com suas práticas avulsas, típicas de organizações que vivem há décadas da impunidade. Mas, até quando ???

Em abril de 2007, na sexta feira santa, acontece algo, não totalmente inesperado ; de novo o apoio declarado, no preto e no branco da igreja católica, nas palavras do pároco de Barroso : Pe. Fábio. A quebra emblemática do silêncio é no dia do silêncio : ***a sexta feira santa***, dando o sinal de que a luta continua :

“Não sei ver o povo padecendo”

Em entrevista exclusiva ao jornal BARROSO EM DIA o Padre Fábio José Damasceno fala sobre a religiosidade dos barrosenses e das declarações feitas por ele na “Sexta-feira da Paixão” sobre a fábrica de cimento



BARROSO EM DIA - Como o senhor tem visto, nos dias de hoje, a religiosidade dos barrosenses?

PADRE FÁBIO - Eu acho que Barroso tem uma religiosidade tradicional católica, os católicos realçam e vivem isso com intensidade, sobretudo na semana santa. Logicamente que hoje a influência e há um sincretismo religioso, ou seja, ao mesmo tempo que se é católico se é também espírita, ou se participa de uma igreja evangélica, não há talvez uma experiência de fidelidade de passado, mas eu creio que a maioria do nosso povo, é católico sincero, verdadeiro, fiel, haja vista a participação grandiosa até mesmo nas missas durante todo o tempo não só na semana santa e na própria Semana Santa se manifestam a presença ainda maior. Acho que a religiosidade continua determinante, forte, talvez não mais nas cidades grandes, mas aqui no interior e especialmente na cidade de Barroso é marcante a bastante tradicional ainda.

BD - No sermão da “Sexta-feira da Paixão”, na Praça Sant Ana, o senhor fez duras críticas

a uma “empresa”, que o senhor identificou apenas como uma “multinacional”, que estaria, ainda segundo o senhor em suas palavras, prejudicando a saúde dos barrosenses e apenas visando lucro. Por que e baseado em que o senhor fez as críticas?

PF - Primeiro por que eu tenho nariz e eu que eu consigo sentir um cheiro no ar que é extremamente prejudicial. Eu quando falo penso um pouco a

“Não sei me acomodar, não sei ver o povo padecendo e eu não fazer nada”

partir da minha realidade e me coloco no lugar dos outros, especialmente pessoas enfermas. Por que e para que, justamente para que o povo de Barroso não se acomode diante de uma opressão tão grande de uma multinacional que pisa na cabeça das pessoas e tira toda nossa riqueza e só devolve poluição, humilhação, povo sem recurso, povo sem condições de vida, verdadeiramente causando transtornos. Os

médicos, especialmente oncologistas, eles tem uma preocupação imensa como Barroso e questionam por que Barroso tem tantos casos de câncer, por que o câncer é tão presente na história do povo de Barroso, por que tanta gente morre de câncer e inclusive diferentemente de toda a região e todas as cidades vizinhas, nenhuma cidade tem uma incidência tão grande de casos de câncer como Barroso. Será coincidência ou será por causa da poluição? E quando a gente toma uma providência dessa é por que realmente a minha consciência de pastor, a quem foi confiado um rebanho, ela me incomoda, eu não sei me acomodar, eu não sei me acomodar, não sei ver o povo padecendo e eu não fazer nada e não é demagogia não, sempre procurei agir desta maneira e acho que todas as autoridades deveriam, por excelência, ter este tipo de comportamento, mas parece que há um interesse político de agradar de fazer uma política de meio de campo, para ficar bem com todo mundo e na verdade não tomar críticas duras e sérias para não se comprometer, para ficar bem, para continuar tranqüilo com a fábrica

como se tivesse medo, e na verdade a única razão realmente é essa, há um prejuízo efetivo, o povo tá sofrendo a doença é gritante, há um incômodo até para a gente dormir a noite, quem mora em Barroso sabe disso e quem mora especialmente no centro sabe disso que este cheiro é insuportável que ele chega a tirar o nosso sono na madrugada, invadindo nossas casas na madrugada, sobretudo aquelas pessoas que moram na vizinhança da fábrica. É possível hoje aliar progresso com respeito a vida humana e sobretudo em respeito ao meio ambiente. Se há um discurso da fábrica de preservação do meio ambiente, não há propriamente um respeito a vida humana, que é muito mais importante que qualquer natureza, não existe valor na natureza se o homem não vive com qualidade. A gente sabe que queima de detrito tóxico é um grande negócio, que ela gera bastante dinheiro e bastante renda para as multinacionais, por que não tomar realmente uma atitude contrária a isso ou simplesmente se calar e deixar que as coisas continuem acontecendo, do mas que é apenas um

acontecer, eu sempre que perceber que a situação é complexa eu vou me pronunciar como eu sempre fiz em todos estes 19 anos de caminhada aqui em Barroso, por que real-

“Uma multinacional que pisa na cabeça das pessoas e tira toda nossa riqueza e devolve poluição”

mente é uma necessidade alertar a população e conduzir este povo a uma busca de libertação e de sair do jogo da opressão e de tudo aquilo que pesa sobre os nossos ombros.

BD - O senhor já chegou a participar de reuniões que a fábrica de cimento já realizou com relação a este respeito?

PF - Eu fui convidado diversas vezes, inclusive para ir em São Paulo em um seminário, mas não participo, não vou por que acho que é demagogia, não vai resolver nada. Eu acho que esta poluição e este mau estar é muitas vezes camuflado com discursos e com iniciativas que parecem cuidar realmente da saúde do povo e que não resulta em nada de concreto.

“mascaramento” muito grande. Acho que por trás existe coisa grave, séria, onde se visa o lucro. É uma multinacional poderosíssima, ela tem gente forte a frente dela, mas a coisa é muito séria e muito grave. Não participo por protesto, por que eu acho que não vai adiantar muito, eles não vão me convencer, e apesar de apresentarem relatórios e aprovações da FEAM, do IBAMA e etc. Certamente a coisa não é bem expressiva e verdadeira como deveria ser, então por protesto acho que não vale a pena participar. Eu procuro me ater sob meu caminho, mantendo minha posição crítica diante das circunstâncias. O dia que nós percebermos que a situação mudou, eu vou ser o primeiro a reconhecer e aplaudir a atitude da própria fábrica, vou ser o primeiro a apoiar também, mas enquanto eu perceber que a coisa ainda é camuflada, realmente não tenho muito interesse em participar, por que no fundo a gente vai se cansando de determinadas reuniões, determinadas falas e uma construção ideológica de um caminho que não resolve muito e que não resulta em nada de concreto.

Capítulo 3 : Manipulação ideológica

“Existe o suficiente para todos no mundo, mas não existe o suficiente para a ganância de todos”.
Mahatma Ghandi

Pelo que se tem notícia, a Holcim nunca investiu realmente na invenção de um cimento sustentável e nem na produção limpa, mas pelo contrário removeu e remove mundos e fundos para manter o status quo, ou seja, o mesmo estado das coisas.

Para entender isso melhor é necessário voltar ao passado, se desligar da instituição industrial e, falar de seus líderes, nomeá-los. Personalizar as grandes instituições industriais é torná-las transparentes, principalmente no mundo das maiores transnacionais.

Muita gente neste mundo sabe sobre a maior catástrofe sanitária do século XX, a contaminação do amianto. Mas muitos poucos sabem quais são os líderes e responsáveis, que estão atrás desta catástrofe.

Uma família que dominou praticamente mais de 100 anos a indústria do amianto foi a família suíça Schmidheiny através da empresa Holderbank, hoje Holcim. Primeiro através do avô Ernst Schmidheiny, passando pelo pai Max, e finalmente para os filhos Stephan e Thomas. Atualmente Thomas Schmidheiny possui 20% do capital do grupo, segundo dados da Forbes. Não esqueçamos que o cimento amianto é composto de 85% a 90% de cimento. A empresa responsável pela produção de cimento amianto e seus subprodutos se chamava Eternit.

Desde o começo da invenção do cimento amianto, em 1920, já se sabia do perigo do mesmo. Já em 1939, a doença asbestose foi reconhecida como doença ocupacional na Suíça, segundo Ruers e Schouten 2005. Ruers e Schouten dão uma explanação completa de como esta família e outras, manipularam e enganaram o debate médico e científico, a formação política, órgãos públicos e a opinião pública por décadas. Décadas a fio mantiveram o argumento de que o amianto é um material inerte encapsulado no cimento e, por isso não é perigoso.

Praticamente tudo era discutido e sistematicamente planejado atrás das portas do SAIAC (Associação das Indústrias do Cimento Amianto). O SAIAC, segundo Ruers e Schouten, estava sediado na Suíça, sob a liderança de seu patrocinador Ernst Schmidheiny.

Hoje o que resta para o ser humano comum é uma herança mortal gigante de vítimas do amianto por ano; o saneamento ambiental que durará décadas para ser feito, pelo menos lá onde ele foi proibido. Nos países industrializados ele é a causa número 1 das mortes por doenças ocupacionais. Segundo Ruers e Schouten morrem na Europa Ocidental entre os anos 1995 até 2029, 250.000 mil homens da doença mesotelioma e no mínimo um mesmo tanto de pessoas com câncer de pulmão relacionado à contaminação do amianto.

As culturas organizacionais são a imagem de seus líderes. Seus líderes representam os heróis, modelos a serem seguidos e imitados. Assim os descendentes de Ernst Schmidheiny adotaram os mesmos rituais, práticas de fazer negócios de seus ancestrais e construíram um império.

Como veremos abaixo esta Cultura do Amianto persiste. Os mesmos mecanismos foram aplicados para legitimar a incineração de rejeitos perigosos em todo o mundo.

Mas como estamos no século XXI algumas considerações devem ser feitas. Estes mesmos mecanismos tem uma dimensão muito maior, seja pela invenção da internet que diminui as distâncias e, ao mesmo tempo dilui e paradoxalmente propaga a troca de

conhecimento, colocando um leque de escolhas ao cidadão. Seja pelo estado das coisas em que chegamos: a consciência de que os nossos recursos naturais são finitos e a contaminação é planetária. Ou seja: a velocidade da dispersão das dioxinas é igual à velocidade da dispersão da internet.

Visto o número de toneladas de rejeitos perigosos que se queima por hora em um incinerador de uma cimenteira não é nem um pouco fictício ou catastrófico se perguntar se a contaminação de POPs pode chegar a ser maior contaminação sanitária do século XXI ?

3.1 Cimenteiras eliminam 99,99% de contaminantes no forno de cimento?

Naquele dia, em maio de 2004, foi difícil, praticamente impossível contradizer no interiorzinho de Minas, a fala de um professor da Universidade de São Paulo. Se São Paulo faz parte do terceiro mundo, Minas então, é o quarto e o interior de Minas, o quinto. E, por isso, que naquela tarde os hiperhipersubdesenvolvidos acharam melhor calar a boca e pesquisar melhor. O resultado foi o seguinte citado, protocolado pela ODESC, no Ministério Público Federal, nada mais nada menos que, seis dias depois da palestra do professor Maringolo em Barroso, sobre a segurança do “co-processamento”:

“No dia 18 de maio de 2004 a empresa Holcim S.A. do Brasil realizou uma palestra proferida pelo Doutor Vagner Maringolo, doutor pelo Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo e empregado da Associação Brasileira de Cimento Portland, com o objetivo de trazer a visão técnica científica sobre a segurança do co-processamento e a sua utilização pela indústria cimenteira no Brasil. O mesmo cientista ocupou posição no grupo de estudos técnicos que subsidiou a elaboração da resolução CONAMA nº 316/2002, fato que nos causou estranheza porque referida norma exclui a indústria cimenteira de seu campo de abrangência, exceto no que diz respeito às dioxinas e furanos. Nos causou espanto o fato do cientista defender a posição e afirmar a existência de certeza científica, sendo certo que teses posteriores foram publicadas dizendo o contrário, ou seja, que o processo não é seguro e que há riscos à saúde humana e meio ambiente, então não há a menor segurança defendida pelo cientista, muito menos certeza científica”.

A fala do doutor Maringolo vai ficar por longo tempo na memória dos mais de cem barrosenses que estavam presentes naquele dia: “um forno de cimento é capaz de eliminar sem gerar contaminantes, 99,99% dos resíduos”. Este resultado com certeza obtido em pesquisas laboratoriais está longe da realidade das experiências dos moradores do bairro do Rosário e dos barrosenses em geral a respeito da incineração de rejeitos perigosos e, é isto que conta. Além do mais até que ponto a Universidade de São Paulo (USP), como uma universidade associada à Holcim Foundation é realmente neutra em suas conclusões científicas?

3.2 Não há riscos para a saúde pública e meio ambiente?

Em vários eventos públicos a Holcim fêz questão de sempre colocar que não havia motivos para questionar a segurança do “co-processamento”. Segundo eles tudo estava dentro da lei.

Todo o licenciamento e o monitoramento foi obtido de acordo com os parâmetros brasileiros. Em várias passagens deste relatório foi possível constatar que estas declarações públicas da Holcim não correspondem com a realidade. Uma análise do cimento barrosense feito nos Países Baixos indicou contaminação do cimento por cádmio. (Anexo 3) “A região entorno da fábrica pode estar exposta à altas concentrações de cádmio, mercúrio e zinco tanto quanto aos particulados finos emitidos

através da produção de cimento. Uma alta concentração de cádmio no corpo pode causar danos nos rins, no sistema nervoso central, como também pressão alta, retardamento no crescimento e enfraquecimento do sistema de imunidade.”

Na ata número 27 da ODESC está disposto dados sobre um levantamento de doenças entre 2002 a 2004, feito pela ODESC no ano de 2005. A maior causa de morte em Barroso é por doenças pulmonares, ficando com 40% da população. Em segundo lugar vem as doenças cardíacas com 18%. Este dados foram apresentados a representantes da Secretaria Municipal de Saúde. A secretária na época e hoje funcionária do Hospital de Barroso, disse que os dados obtidos “não condizem com a realidade, uma vez que se referem apenas às internações do Sistema Único de Saúde (SUS) e, que o hospital possui outros dados em seus registros”. Alguns médicos, que preferem se manter anônimos, disseram também que os dados de câncer de pulmão são maiores que os indicados. Outras conclusões da ODESC são:

- Houve diminuição significativa das doenças do trato respiratório inferior de 40%,
- Houve aumento significativo de doenças cardíacas de 46%, de doenças do trato respiratório superior de 27%. Em crianças, 100%,
- Aumento de diabetes mellitus de 36%,
- Aumento da prematuridade de 100%,
- Aumento excessivo das doenças neurológicas de mais de 200%,
- Houve uma diminuição significativa no número de abortos e ameaças de 600%.

Infelizmente os dados das declarações de óbitos nem sempre são completos. Pacientes em fase terminal, por exemplo, não são discriminados no hospital como portadores de alguma doença. Em 2006, a ODESC fez outro levantamento, com os seguintes resultados:

Incidências de Doenças – Barroso – MG

Relatório mensal de óbitos - SMS

Total de mortos: 65	2006
Recém-nascidos	6
Morte fetal	9
Doenças pulmonares	19
Neoplasias	20
Septicemia	16

Morbidade hospitalar – DATASUS

	2000	2003	2006
Neoplasias	24	35	73

Dados: ODESC - 2006

Segundo informações da ODESC junto à população, estão aparecendo casos de câncer relacionados à traquéia (linfoma de Hodgkin?), na maioria dos casos, em homens de diferentes idades e de diferentes classes sociais, no centro e em diversos bairros de Barroso desde 2007. A ODESC ficou sabendo de mais de 20 casos até a presente data.

A mortandade de peixes no Rio das Mortes no tempo da seca, a chuva ácida no Agrião, e seca de córregos na região rural Estiva, gerando conflito com camponeses e a Holcim

S.A. são sinais de que o impacto no meio ambiente é visível a olhos nus. Deixando aqui de lado, todos os outros problemas ligados à extração do calcário na região urbana de Barroso, tais como trincas nas casas, poluição sonora, etc.

3.3 Economia de recursos não-renováveis?

De acordo com o Relatório de Sustentabilidade da Holcim de 2004, a empresa fez significantes sucessos na substituição de recursos naturais pelo uso de matérias alternativas. A fábrica Holcim Barroso se tornou a número 1 do grupo Holcim mundial em substituição do clínquer pela escória siderúrgica de alto-forno, ou seja uma média de 40% de substituição.

Neste mesmo relatório, na página 25, a empresa se contradiz ao dizer: “um dos principais motivos para a alta taxa de substituição é a proximidade da Usina Presidente Arthur Bernardes, da Gerdau Açominas, com a qual temos uma parceria: a fábrica de Barroso fornece calcário para essa siderúrgica, que fornece escória para a fábrica”. Isto quer dizer que a substituição é igual a zero.

De acordo com a ong GAIA, o próprio objetivo da incineração é um problema para o planeta: “a incineração é uma tecnologia desenhada para converter recursos naturais em cinzas tóxicas, gases e líquidos contaminantes”. Já que as incineradoras, cimenteiras, necessitam de rejeitos e mais rejeitos que foram transformados de matérias primas, a demanda é sempre por mais transformação de matéria prima para prover os fornos de matérias mais tóxicas que as primeiras.

3.4 Mínima emissão de CO2?

Visto as afirmações do parágrafo anterior tem que ser levado em consideração a transferência das emissões de CO2 para terceiros como também a produção de CO2 em todo o processo de produção do cimento desde extração até ao transporte. Segundo Santi os fornos de cimento foram construídos para utilizar combustíveis convencionais mas hoje muitos resíduos estão bem longe disso. No decorrer deste relatório foram apresentados alguns fatos que demonstram que a Holcim S.A não pode garantir sempre uma diminuição de CO2 exatamente por causa dos vários problemas técnicos que surgem por causa dos diferentes tipos de rejeitos que ela joga no forno. Rejeitos estes, que não tem nenhuma outra função a não ser a função de ter que ser puramente “eliminado”. Eles não tem a função de substituição de matéria prima e nenhum valor energético. Exemplo é os rejeitos do Aterro de Mantovani.

Outro exemplo é a incineração de pneus inservíveis desde 2002. Segundo a ong sulafriana Groundwork, a queima de pneus gera mais CO que a queima de rejeitos convencionais. Além do mais a incineração sempre vai provocar mais CO2 do que qualquer outro processo de geração de energia querendo ou não.

3.5 Economia de energia?

Levando em consideração o acima citado, a ong GAIA diz que é necessário reconhecer o fato que, qualquer objeto, que se tornará rejeito, contém mais energia que o calor liberado quando ele é queimado. “Qualquer análise de um ciclo de vida básico demonstrará que o valor calorífico da maioria dos artigos é uma pequena fração da energia que tem incorporada, a energia utilizada para extrair e processar as matérias primas, convertê-las em produtos e transportar estes produtos até ao mercado. A energia incorporada se perde por completo quando um artigo é queimado em um incinerador”.

A Holcim em seus relatórios de sustentabilidade coloca que o “co-processamento é recuperação de energia e ao mesmo tempo uma forma de ajudar as outras empresas a eliminarem definitivamente seus resíduos”. Mesmo que isso fosse verdade, ela ainda ajuda da mesma forma a destruir outras formas de recuperação de matéria prima promovendo a incineração. Da mesma forma ela ainda continua dependendo da matéria prima de terceiros transformada em rejeito.

3.6 Mínima emissão de dioxinas/metais pesados, etc?

Na vida cotidiana em nível local, a Holcim faz questão de frisar a segurança da incineração. Mas em nível global ela faz o reconhecimento do contrário no site do WBCSD (Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável):

“A produção de cimento gera um significant impacto entorno das comunidades, ambos positivos e negativos. Um dos impactos negativos é a alta formação e emissão de POPs. O co-processamento de resíduos perigosos em fornos de cimento está explicitamente mencionada na Convenção de Estocolmo como sendo uma fonte industrial em potencial de POPs. A indústria cimenteira leva qualquer fonte potencial de POPs a sério, primeiro por causa do impacto que isto pode ter para a reputação da própria indústria e, segundo porque qualquer mínima quantidade de dioxina pode se acumular na biosfera com potenciais consequências a longo prazo”.

Os dados apresentados pela empresa em Barroso, no Brasil não podem comprovar o citado acima, mas pelo contrário, o contradiz.

Segundo Santi 2004, Reijnders 2007, os níveis de dioxinas e furanos é aumentado em 80 vezes mais quando se incinera resíduos em um forno de clínquer.

3.7 Processo produtivo seguro?

Dados apresentados pela ODESC não condizem com esta realidade da empresa. Se a própria indústria cimenteira admite em nível internacional “a potencial formação de POPs no co-processamento de resíduos perigosos”, para Barroso vale o mesmo. E, se comprovadamente a incineração é a maior fonte de POPs está claro que o processo não é seguro.

De acôrdo com a ong internacional GAIA e a Convenção de Estocolmo a incineração em todas as suas formas é um processo inseguro. O objetivo da presente Convenção é proteger a saúde humana e o meio ambiente dos poluentes orgânicos persistentes.

Segundo Santi 2004, “a fabricação de cimento com a co-incineração de resíduos expande o alcance dos riscos, formando inúmeros cenários de exposição dos componentes perigosos que se movimentam de um ponto a outro da cadeia de produção e uso do cimento, com grande potencial de agravo à saúde dos trabalhadores e da população e de comprometimento da qualidade ambiental”.

3.8 Repasse de ISSQN(Impostos)?

De acôrdo com os dados da ODESC levantados desde 2003, a Holcim S.A. só pagou durante dois meses em 2005 impostos sobre serviços de qualquer natureza (ISSQN). A porcentagem de ISSQN é determinado por cada município. Em Barroso a taxa é 4,5%, no caso, a Holcim teria que pagar 4,5% de cada tonelada de rejeitos incinerados. De acôrdo com estudos de Santi, 2006, a Holcim Barroso incinera oficialmente aproximadamente dois milhões de toneladas de rejeitos por ano. Supondo-se que para

cada tonelada incinerada, a Holcim receba uma média de 200 reais, ela então, deveria ao município aproximadamente a soma de 4.644.000,00 reais. Este, que deveria ser um dos impactos positivos mais importantes citado no site do WBCSD, também não acontece. Na verdade estes dados são fictícios desde que até hoje não foi possível obter da empresa uma lista completa de rejeitos incinerados. A ODESC, através de suas investigações pode dizer que a Holcim, com certeza, incinera muito mais rejeitos do que o oficialmente conhecido, nas classes de preço de até 1.500 reais por tonelada.

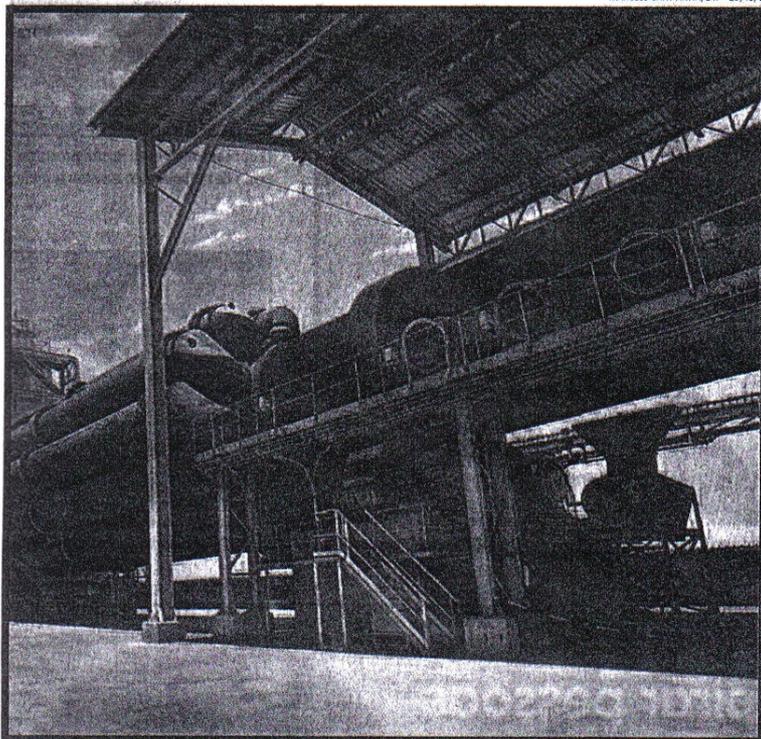
MERCADO AQUECIDO

Fabricante suíça vai modernizar unidades no estado. Serão R\$ 105 milhões só na instalação de filtro que reduz poluição

R\$ 300 milhões para cimento em Minas

MARCELO SANT'ANNA/EM - 29/10/04

LEONARDO AUGUSTO



Fábrica da Holcim em Barroso (MG): vendas vêm crescendo entre 20% e 30% por mês desde junho



3.9 Cultura de transparência?

“A Holcim Brasil é a única empresa do setor cimenteiro brasileiro que publica Relatório de Sustentabilidade.

Para a companhia, o relatório é uma oportunidade de abrir diálogo com seus públicos de interesse. Por meio dele, presta contas, com transparência, de suas decisões e atividades”. (citado do último Relatório de Sustentabilidade 2007)

A fabricante de cimento Holcim anunciou ontem investimento de R\$ 300 milhões até 2011 na modernização das duas plantas que a empresa mantém em Pedro Leopoldo, Região Metropolitana de Belo Horizonte, e Barroso, no Campo das Vertentes. Do total, 35% (R\$ 105 milhões), vão para a instalação de filtros para redução da emissão de poluentes. Ao mesmo tempo em que revelou a estratégia de aporte financeiro para o estado, o presidente da Holcim, Carlos Bühler, reclamou dos preços do cimento no Brasil, hoje na casa dos R\$ 15 o saco de 50 quilos. O executivo, no entanto, não quis revelar o valor considerado ideal para o produto no país. Vale observar que os preços praticamente dobraram este ano, voltando aos níveis de 2003.

Para o presidente da empresa, a decisão de investir em Minas Gerais, mesmo com o preço do cimento num nível não satisfatório, se deve ao aquecimento do setor. Segundo Bühler, desde junho as vendas do produto crescem entre 20% e 30% por mês. As indústrias da Holcim no Brasil (a empresa tem plantas também em Vitória, Rio de Janeiro e Sorocaba) tiveram a capacidade ociosa reduzida de 40% para 10% no período. Além do preço avaliado como baixo para o cimento, representantes da empresa reclamaram ainda da carga tributária praticada no Brasil. O alvo, especificamente, são as estruturas metálicas, principais concorrentes do cimento.

A alíquota do Imposto sobre

Transparência, diálogo e prestação de contas, são palavras-chaves que a ODESC não pode compartilhar com a Holcim S.A. nos seus mais de seis anos de luta para esclarecer e resolver os problemas da incineração em Barroso. A incineração praticada pela Holcim em Barroso e no Brasil ainda está involucrada na obscuridade, nada se sabe exatamente e, visto o alto teor de complexidade do fenômeno chamado INCINERAÇÃO, tudo se torna mais complexo.

O que se instituiu foi uma Cultura de Mêdo e Apreensão. Faz parte da cultura organizacional Holcim S.A. se ornamentar dos princípios mais nobres, juntamente com a polidez suíça para, por trás dos panos fazer “business as usual”. A arrogância foi a marca de todos os seus atos em tudo o que tem haver com a incineração em Barroso. Um diálogo desta forma nunca se deu, nem nos “comitês com a comunidade”, criado pelo grupo ao redor do mundo. O que se dá é o monólogo e coisas feitas no papel. O artigo de jornal de 2007, acima, é um exemplo de outro traço da Cultura do Amianto. Em Barroso não vimos mudanças em relação à melhoria das emissões atmosféricas.

3.10 Práticas de Desenvolvimento Sustentável?

“Por três anos consecutivos, desde 2005, o grupo Holcim é considerado líder da indústria no Índice Dow Jones de Sustentabilidade, da Bolsa de Valores de Nova York, que destaca as melhores práticas em sustentabilidade corporativa no mundo”. (citado do RS 2007)

A Holcim dentro do mundo das cimenteiras é a empresa mais atuante e poderosa do setor. Ela tem poder sobre a segunda substância mais consumida do mundo, a primeira é a água, segundo a ong Groundwork.

Para a ODESC e para a maioria dos Barrosenses a Holcim pecou nos três patamares básicos do desenvolvimento sustentável: desenvolvimento humano, desenvolvimento econômico e desenvolvimento ambiental. A herança macabra que a Holcim S.A. vai deixar para o meio ambiente barrosense e para os Barrosenses, no dia que a jazida de calcário se extinguir, não tem como ser expressada em números, só em lágrimas e, talvez em compaixão.

Deve se levar profundamente a sério as práticas desenvolvidas por esta empresa ao redor do mundo, já que ela obtem mais da metade do seus lucros nos países em desenvolvimento. Em todos os seus relatórios de sustentabilidade ela faz questão de frisar a uniformidade global de suas práticas de “desenvolvimento sustentável”.

Como a maior patrocinadora do Desenvolvimento Sustentável, representada pela pessoa de Stephan Schmidheiny, desde 1991, na época da criação da Conferência da Terra, no Rio de Janeiro, em 1992, pode se dizer que o Desenvolvimento Sustentável está em maus lençóis. Na verdade isto significa um atraso de um século.

Stephan Schmidheiny é o principal patrocinador do conhecido WBCSD, o qual foi fundado pelo mesmo, para defender os interesses do grupo empresarial na Conferência da Terra no Rio em 92. Este Conselho tem hoje mais 170 membros das maiores transnacionais do mundo.

Conclusão: O futuro da incineração no Brasil

“Pecar pelo silêncio, quando se deveria protestar, transforma homens em covardes”.
Abraham Lincoln

A incineração virou moda no Brasil, como na Europa dos anos 80. Como também na Europa, a incineração é vista como um grande negócio para todos os envolvidos. Empresas e órgãos públicos podem se livrar, do que foi colocado como um problema: o passivo ambiental. Com o desenvolvimento econômico brasileiro, o lixo industrial aumenta por ano em trinta por cento, segundo a revista Química & Derivados.

Na Europa todo o ônus da incineração foi dispersado na sociedade, ou seja, para o cidadão nas suas diferentes formas: em forma de doenças e em forma de impostos. Os cidadãos pagam, os incineradores ganham. As decisões sobre incineração na Europa não teve verdadeira participação pública, mas foram tomadas atrás das portas, com o apoio de ONGs ambientais que na sua maioria são subsidiadas pelo governo, segundo L. Nevels.

O conhecimento sobre os perigos das dioxinas e furanos e POPs em geral estão bem esclarecidos. Além da incineração ser totalmente nociva, ela representa a destruição de nossos recursos naturais e não a preservação dos mesmos. O Grupo Holcim não foi capaz de provar outra realidade. Mas pelo contrário: ele montou com o apoio dos membros do WBCSD a estratégia de um desenvolvimento sustentável falso. Nenhum de seus argumentos podem ser comprovados por cientistas independentes e neutros e pelas experiências da ODESC.

É justo colocar que o Grupo Holcim teve um papel central na propagação da incineração em fornos de cimento no mundo a partir de 1991. E, para isso ele usou de mecanismos tradicionais, já antes experimentados com sucesso na Cultura do Amianto. Estes mecanismos se resumem em, investir sistematicamente em cientistas, organizações, revistas, políticos, etc, para legitimar suas idéias através de leis e eventos públicos. Desta forma ficou fácil ridicularizar e diminuir movimentos populares em países onde a lei só existe para os arrogantes do poder em todas as suas formas. Assim, a Cultura do Medo gerada, leva à omissão e/ou negligência dos órgãos públicos, como por exemplo, o papel do Ministério Público Brasileiro e a corrupção nos órgãos ambientais, fechando o círculo.

A consequência disto é a incineração descontrolada ao sabor do empreendedor, seja ele incinerador, seja ele gerador.

O que fica visivelmente claro neste relatório é a manipulação do Grupo Holcim através de *meios de desvios de atenção do real*, com os quais, ele conseguiu legitimar a incineração como algo seguro e positivo ou seja, sustentável.

Colocando-se que a Holcim está uniformizando este “sistema global de gestão ambiental” (Relatório de Sustentabilidade, 2004) no resto do mundo, a contaminação planetária é um fato. Como também é fato a violação dos direitos fundamentais humanos.

Fatores que agravam mais este quadro é a posição das grandes ONGs ambientais. Uma hora elas apoiam a incineração, outra hora elas são contra. O porque deste oportunismo não está claro.

Saindo-se da presunção de que as maiores transnacionais mundiais representadas no WBCSD, adquiriram as mesmas estratégias podemos dizer que a diminuição de CO2 não pode ser garantida nem pelas suas políticas de gestão, nem em termos tecnológicos. Em outras palavras, o trem da devastação do planeta voa descontroladamente sobre os trilhos.

A Cultura da Ganância e da Auto-enganação toma desta forma proporções dramáticas e catastróficas que vão além da contaminação planetária mas coloca o planeta a curto prazo em perigo.

Para os Brasileiros é essencial se conscientizar destes fatos reais ligados à incineração em fornos de cimento e, não se auto enganarem ou deixarem se auto enganar. Para isso é essencial a atuação do Ministério Público como órgão controlador com o apoio das comunidades locais e pessoas, organizações conscientes dos males da incineração.

Mais do que nunca é importante o ser humano “comum” tomar as rédeas do seu destino e se tornar responsável. Por causa da Ganância e da Auto-enganação a consciência humana ambiental responsável tem sido mais lenta em relação à rapidez da destruição do planeta Terra. Então, a conquista da justiça ambiental hoje é basal para a construção dos direitos humanos e para o verdadeiro exercício da cidadania. A defesa do meio ambiente humano e da busca pelo verdadeiro desenvolvimento sustentável se tornou sinônimo hoje da busca pela cidadania. A perda da justiça ambiental será letal para todo o planeta de uma forma ou de outra.

Segundo a ong GAIA, o lugar mais óbvio para se resolver os problemas ligados aos rejeitos em geral, está no próprio processo de produção. Novos paradigmas são necessários para que rejeitos descartáveis sejam absorvidos no processo industrial de forma segura. No redesenho dos produtos deve ser evitado o uso de material perigoso e excessivo. Há quatro princípios principais para se promover a produção limpa:

- O princípio da precaução
- O princípio da prevenção
- O princípio democrático
- O princípio holístico

Anexo 1:

Carta de Barroso 2

Barroso, 3 de Abril de 2004

Há sete meses atrás a primeira Carta de Barroso foi escrita como sinal de desabafo e como um apelo à Holcim, pelas diversas lideranças de nossa cidade:

“Como comunidade na qual está sediada a fábrica da Barroso cabe-nos o direito e o dever de manifestar nossa preocupação e insatisfação pelos prejuízos sérios que a população de Barroso vem sofrendo com as novas diretrizes de relações humanas e sociais que a empresa vem aplicando em relação à nossa cidade, que faz parte do meio-ambiente.... Todavia, de repente a cidade foi esquecida pela empresa. Em consequência disso a cidade de Barroso está vivendo uma séria crise econômica e, pior ainda, a mais perigosa crise social de sua história: desemprego em massa, famílias entrando na faixa de miséria e cidadãos sem perspectivas.” (págs. 6 e 7)

Desde então pouca coisa realmente mudou, a Holcim Barroso deu continuidade à sua estratégia internacional: Reduzir o máximo possível os custos da empresa.

Estranho é que nesta carta as lideranças não questionaram algo mais sutil e perigoso que nos foi imposto e do qual não tivemos e não temos a menor informação e por isso vivemos, todos nós, na maior ignorância a respeito: A crescente queima de Resíduos Sólidos no forno de clínquer da Holcim Barroso. Estes Resíduos Sólidos são lixos normalmente provenientes de indústrias e são classificados como perigosos.

Nós, da ODESC (Organização de Desenvolvimento Sustentável e Comunitário) estamos profundamente preocupados com os efeitos que esta crescente queima de resíduos sólidos poderá ter para a saúde dos Barrosenses, para as outras comunidades à nossa volta e para o Meio-Ambiente na sua totalidade.

A queima de resíduos sólidos emite químicas tóxicas no ar.

Cientistas e organizações mundiais renomadas afirmam que estas práticas, mesmo licenciadas, representam riscos para a saúde e o meio-ambiente a curto e longo prazos e não há nenhum estudo científico que prove o contrário.

Segundo a Greenpeace, é um erro comum crer que as coisas simplesmente desaparecem quando queimadas. Na verdade, a matéria não pode ser destruída, ela apenas muda de forma e pode se tornar até mais perigosa.

Alguns poluentes lançados pela chaminé causam câncer, doenças respiratórias e pulmonares, perturbações no sistema endócrino e agravam doenças cardíacas, além de serem mutagênicos.

A queima de resíduos sólidos resulta em dioxinas e furanos, emitidos através dos gases da chaminé. As dioxinas são um grupo de 75 composições químicas e o termo furano de 135 composições, na maioria de elevada toxicidade.

O dióxido de enxofre e o dióxido de nitrogênio foram associados a efeitos adversos na saúde respiratória e cardíaca. Níveis baixos de dióxido de nitrogênio podem causar pneumonia e bronquite.

Os metais pesados: chumbo, cádmio, arsênio, mercúrio são lançados juntos com os gases e estão ligados a problemas renais.

Através de estatísticas sabemos que mais de 40% dos diagnósticos de doenças em Barroso estão ligados a problemas pulmonares, 20 % a problemas cardíacos.

A tecnologia de controle ambiental usada para o processamento de resíduos sólidos é falha ou insuficiente na maioria dos casos. Eletrofiltros, por exemplo, não são capazes de reter gases tóxicos no processo final da queima. Ele retém parte do material particulado.

É necessário, mais pesquisas neste campo.

Os resíduos industriais crescem a uma taxa de 10% ao ano, sendo São Paulo o maior produtor de resíduos classe 1 (perigosos) do Brasil com 533 mil toneladas por ano. Nós estamos sendo responsabilizados por exterminar uma parte deste lixo.

A estratégia da Holcim Barroso é aumentar cada vez mais a queima de resíduos sólidos, já que uma grande parte deste material é reciclada no próprio cimento, diminuindo assim o custo do mesmo.

E nós? Queremos isso para a nossa comunidade? Vistos os altos riscos que não só nós corremos a curto e longo prazos, é direito e responsabilidade da sociedade civil organizada pedir esclarecimentos do impacto ambiental pelas seguintes razões:

- A Holcim queima resíduos sólidos dentro de nossa cidade.
- Nós não sabemos exatamente o que e quanto ela queima.
- Nós não sabemos exatamente como é o monitoramento de gases de dioxinas/furanos e metais pesados.
- Os limites de emissões aceitos, são altos demais.
- Os riscos de ingestão de dioxinas através do leite e da carne é grande.
- É necessário um controle tecnológico maior, dada a natureza perigosa dos gases emitidos.

Nós devemos nos precaver de doenças incuráveis e graves com um sistema de saúde precário e de baixa tecnologia.

Nós devemos nos precaver de sofrer de doenças desnecessárias já que temos uma população de baixa renda, conseqüentemente mal-nutrida e conseqüentemente com um sistema imunológico fraco, com um risco maior ainda de complicações físicas e neurológicas.

Nós devemos nos precaver de prejudicar o meio-ambiente que deixaremos para os nossos descendentes.

Por causa destes e de outros problemas que serão causados por estes

é que a sociedade civil deve exigir o direito total de escolher o que ela melhor acha para a sua população, levando em consideração que o meio-ambiente é uma cadeia fechada.

Para a ODESC o primeiro princípio da Declaração do Rio sobre Meio-Ambiente e Desenvolvimento em 1992 é sagrado: Ele proclama:

“ Os seres humanos estão no centro das preocupações com o desenvolvimento sustentável. Têm direito a uma vida saudável e produtiva em harmonia com a natureza.”

Não nos esqueçamos de que, para a Holcim, o desenvolvimento sustentável é de extrema importância:

“Precisamos de gente responsável que represente a nós e não as grandes companhias. Eles não devem permitir a introdução em nosso ambiente de nada que não seja biodegradável ou capaz de ser neutralizado quimicamente. Por fim enquanto houver lucro na poluição de nossa terra as firmas e pessoas continuarão a fazer o que querem.”

(Projeto Educando Verde – Holcim-Barroso)

Anexo 2:

INFORMAÇÃO

A ODESC foi qualificada como OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) pelo órgão oficial responsável, o Ministério da Justiça, no processo MJ 071001109/2005-55, no dia 01 de julho de 2005.

A ODESC optou por esta forma jurídica por reconhecer que é a forma legal mais segura para não só aumentar a sua credibilidade e capacidade de influir nas decisões públicas, mas também para comprovar e fortalecer a sua legitimidade como uma organização transparente e séria.

Através de suas ações públicas, ela está consciente de representar um papel que o estado não pode e nem deve fazer. A sociedade deve agir para identificar e solucionar seus problemas dentro de sua própria realidade social, cultural, ambiental e econômica, pois só assim conseguiremos a democracia e a cidadania, e não há outra forma.

Uma OSCIP é para defender com "unhas e dentes" a Coisa Pública, a Coisa Nossa, e assim transformá-la.

A nossa maior Ação Pública é o nosso projeto: **INSCIENTIZAÇÃO SOBRE A QUEIMA DE RESÍDUOS EM FORNOS DE CLÍNQUER.**

Hoje, ano 2005, chegamos longe, quase todo Barroense sabe que a queima de resíduos em fornos de clínquer é uma tecnologia de risco.

AO CIDADÃO

NÓS PODEMOS DIZER COM TODA CLAREZA: A queima de resíduos em fornos de clínquer NÃO é uma alternativa segura e sustentável, pelo contrário é altamente duvidosa e perigosa. Continuamos lutando e continuamos preocupados com a contaminação química que nos foi imposta.

Assim cumprimos o nosso dever e por isso somos merecidamente uma OSCIP e assim continuaremos cumprindo e exigindo o direito humano básico:

O DIREITO DE INFORMAR E SER INFORMADO.

Informe-se mais, visite o site:
www.acpo.org.br



VIVA:

Dia 07 DE SETEMBRO

Dia da AÇÃO GLOBAL sobre resíduos e incineração.

VIVA o dia da INDEPENDÊNCIA.



Anexo 3:

PESQUISA SOBRE A PRESENÇA DE ALGUNS METAIS PESADOS NO CIMENTO BRASILEIRO (resumo)

Pedido: EC-2531

04-09-2006

Técnico responsável: Tim van Acker

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE Eindhoven – Países Baixos

Loja Química de Eindhoven

Sala Ma 1.13

Caixa Postal 513

5600 MB Eindhoven

Tel: 0031402472431

Cliente: Valéria Nacif

Coordenadora geral da ODESC

Pedido de medições de metais pesados

Motivo:

Devido à queima de diversos tipos de lixo químico em fornos de cimento brasileiro, há a possibilidade da presença de metais pesados no cimento.

O cimento foi entregue pela cliente em recipiente plástico, cimento tipo A3 2AK 80/CP II-IE – 32. Data de fabricação: 22/01/2006 fabricado pela Holcim – Barroso – MG. As amostras foram analisadas no dia 12 de junho, dos seguintes metais pesados: zinco, chumbo e cádmio. As medições foram feitas de acordo com o método de absorção atômica espectrométrica (AAS) seguindo as seguintes normas:

Cádmio(Cd): NEM 5762

Zinco (Zn): NEM 5759

Chumbo (Pb): 5761

Elemento	Conteúdo da amostra (mg/kg ds)	Valor desejável (mg/kg ds)	Valor de Aplicação (mg/kg ds)	Valor de Intervenção (mg/kg ds)
Cádmio (Cd)	2.7 +/- 0.1	0,8	6	12
Chumbo (Pb)	29 +/- 1	85	308	530
Zinco (Zn)	52 +/- 1	140	430	720

Os valores: desejável e de intervenção para estes metais pesados foram extraídos das diretivas para o meio ambiente do Ministério do Meio Ambiente Holandês.

Informações sobre as normas:

Valor Desejável: valor com concentração natural da forma como é encontrado no meio ambiente. Acima deste nível constata-se que há uma contaminação leve do solo.

Valor Aplicável: este valor é igual à metade da soma dos valores: desejável e de intervenção. Acima destes valores é necessário melhores pesquisas.

Valor de Intervenção: acima deste valor trata-se de contaminação do solo grave, onde é necessário saneamento a curto e longo prazo.

Conclusão:

Segundo a tabela acima foi constatada uma contaminação leve do cimento por cádmio. As concentrações médias dos outros dois metais estão abaixo do valor desejável. Sendo assim o cimento não está contaminado por zinco e chumbo.

Na fabricação do cimento com calcário e outros elementos, a temperatura do cimento é tão alta (aproximadamente 1400° Celsius) que é de se esperar que metais pesados voláteis como o cádmio, o zinco e o mercúrio não estejam presentes em alta concentração no produto final. Mas a região entorno da fábrica pode estar exposta à altas concentrações destes metais tanto quanto aos particulados finos emitidos através da produção de cimento.

Informações gerais:

Uma alta concentração de cádmio no corpo pode causar danos nos rins, no sistema nervoso central, como também pressão alta, retardamento no crescimento e enfraquecimento do sistema de imunidade.

Bibliografia:

- Atas da ODESC, números 1 até 44 de 2003 até 2007.
- Capra , Wendezeit, 1984.
- Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da Fundação Oswaldo Cruz, GT Químicos. Co-incineração de resíduos em fornos de cimento: uma visão da Justiça Ambiental sobre o chamado “co-processamento” – Relatório da oficina realizada em 21 de agosto de 2006.
- Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da Fundação Oswaldo Cruz, Condições de trabalho e saúde de trabalhadores na queima de resíduos tóxicos em fornos de cimenteiras de Afrânio Gomes Pinto Júnior, 2009.
- Compaan H, Hijmans A, Dioxine, ontstaan en verspreiding van een supergif, TNO, 1991.
- GAIA, A Dying Technology, 2003.
- GAIA, Incinerando el futuro, 2008
- De Oliveira Fernandes L, Milanez B, Firpo de Souza Porto M, A co-incineração de resíduos em fornos de cimento, riscos para a saúde e meio ambiente, em Revista Ciência & Saúde Coletiva, 2007.
- Maringolo V. Clínquer co-processado: produto de tecnologia integrada para a sustentabilidade e competitividade da indústria de cimento. Universidade de São Paulo; 2001.
- Poppe R, Liotard K, Afval heeft toekomst, 2007.
- Poppe R, Bio-energie niet zo schoon als het lijkt, em Revista Tribune, 2007.
- Reijnders L, The cement industry as a scavenger in industrial ecology, 2007.
- Ruers R F, Schouten N, Het Asbest Drama, 2005.
- Santi, AMM. Co-incineração e co-processamento de resíduos industriais perigosos em fornos de clínquer. Universidade Estadual de Campinas; 2003.
- Santi AMM, Cremasco MS. Combustíveis e riscos tecnológicos ambientais na fabricação de cimento: avaliação contextualizada no município de Barroso, Minas Gerais. In Anais do 3º Encontro da ANPPAS; 2006; Brasília: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade.
- Santi AMM, Sevá FºAM, Combustíveis e riscos ambientais na fabricação do cimento. Apresentado no II Encontro da ANPPAS; 2004, Campinas.

Sites de internet visitados:

www.acpo.org.br

www.justicaambiental.org.br

www.datasus.gov.br

www.no-burn.org

www.noalaincineracion.org

www.feam.br

www.umweltprogramme.de

www.ergo-enviro.de

www.atsdr.cdc.gov

www.greenpeace.br

www.forbes.com

www.wbcd.org

www.holcim.com

www.stephanschmidheiny.net

www.holcim.com.br

www.quimica.com.br